

O GUAM NO CONTEXTO PÓS-GUERRA FRIA: CONTESTAÇÃO À HEGEMONIA RUSSA NO ESPAÇO PÓS-SOVIÉTICO

Vicente Giaccaglini Ferraro Jr.¹

1. INTRODUÇÃO

O desmantelamento do bloco soviético no final dos anos 1980 trouxe inúmeras implicações à ordem geopolítica mundial, que passou do bipolarismo para a unimultipolaridade. Neste contexto de hegemonia norte-americana no primeiro plano coexistindo com a ascensão de inúmeros blocos regionais em um segundo, de polaridades indefinidas, é que se insere o GUAM, grupo formado por Geórgia, Ucrânia, Azerbaijão e Moldávia – todos ex-membros da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS).

O grupo apresenta características particulares, indispensáveis para o entendimento acerca da sua origem. Assim como na América Latina, tradicional área de influência norte-americana na Guerra Fria, ascenderam movimentos anti-Estados Unidos, na tradicional área de influência russa ascenderam movimentos anti-Rússia que, em 1997, culminaram no GUAM. Tais movimentos, denominados pelas lideranças locais e pela mídia ocidental por “Revoluções Coloridas”, veem a Rússia como um Império expansionista, disposto a subjugar a independência de seus vizinhos.² Nesses países, os enclaves territoriais e movimentos separatistas que o Kremlin sustenta, conhecidos como “áreas de conflitos congelados”, reforçam essa ideia. Para garantir a integridade nacional, estadistas têm perseguido uma maior aproximação com o Ocidente, em específico com os Estados Unidos, União Europeia e OTAN. A Rússia, por sua vez, vê esse acercamento como um afrontamento a seus interesses na Eurásia, ameaçando-os com barreiras tarifárias, cortes no fornecimento de gás, dentre outros meios, o que induz-nos a pensar em uma possível Guerra Fria regional. Essas nações

¹ Vicente G. Ferraro Jr. (vgferraro.jr@hotmail.com) é pesquisador do Laboratório de Estudos da Ásia (LEA) da Universidade de São Paulo (USP). O presente texto é o rascunho original do ensaio homônimo publicado em: Segrillo, Angelo & Pennaforte, Charles (eds.) *A Ásia no Século XXI: olhares brasileiros*. Rio de Janeiro: Cenegri, 2011, p. 25-96.

² Revolução “Laranja” na Ucrânia, “Lilás” na Moldávia e “Rosa” na Geórgia.

são verdadeiros “estados-tampões” que constituem uma zona de fronteira geopolítica – “cordão sanitário” - entre a Rússia e o Ocidente (União Europeia).³

Segundo a tipologia delineada pelo acadêmico ucraniano Taras Kuzio, o espaço pós-soviético é marcado pela divergência de opiniões no que concerne às orientações a serem tomadas na política externa de cada país em relação à Rússia.⁴ Dentro da Comunidade dos Estados Independentes (CEI) podem-se delimitar quatro grupos de posicionamento: ocidentalistas radicais, ocidentalistas pragmáticos, eslavófilos (russófilos) radicais e eslavófilos (russófilos) pragmáticos.⁵ Tais divisões exercem impacto direto na consolidação da Comunidade, impedindo que esta se torne um instrumento de hegemonia política por parte da Rússia e garantindo o “pluralismo democrático” no grupo - à custa de sua própria estagnação. O aglutinamento de países com interesses estratégicos em comum, frente à pressão russa, confere uma maior autonomia política ao GUAM e a seus membros em particular, ao mesmo tempo em que altera a balança de poder regional a favor do Ocidente.

O presente artigo visa apresentar os fatores que caracterizam o ocidentalismo do GUAM, bem como os condicionantes das eventuais oscilações individuais de seus membros, geralmente, entre radicalismo e pragmatismo. Há elementos de política interna e externa, junto a constrangimentos estruturais, que influem nessa orientação. Portanto, para entender o funcionamento do GUAM como um todo coeso faz-se necessário analisar cada uma de suas partes, a situação de seus enclaves territoriais e dos separatismos, as identidades culturais que se formulam e reformulam em regiões fronteiriças, o peso da retórica anti-Rússia na política nacional e a importância das relações com a Rússia, especialmente na balança comercial, no tratamento das minorias, na área de segurança e energia. Em resumo, elementos dos três níveis de análise de política externa - sistema Internacional, estado e indivíduo - serão abordados. Por questões didáticas será adotada a seguinte ordem: Ucrânia, Moldávia, Geórgia e Azerbaijão.

2.1 UCRÂNIA

³ “Estado-tampão” é um país situado entre potências eventualmente hostis.

⁴ KUZIO, Taras. **Geopolitical Pluralism in the CIS: The Emergence of GUUAM**. EBSCO Publishing: 2002, p.82.

⁵ CEI é o bloco formado em 1991 pela maioria dos ex-membros da URSS.

O posicionamento político da Ucrânia em relação à Rússia é um dos mais complexos dentre os países membros do GUAM. Ele envolve, além de contestações territoriais, fortes fatores étnicos e culturais.

A parte oriental do território ucraniano é de maioria russófona, enquanto a parte ocidental é de maioria não russófona. Aproximadamente 17% da população é composta de russos étnicos, que se concentram principalmente na região oriental. A origem destas diferenças se deu ao longo da história: a região ocidental esteve sob o domínio dos Habsburgos, ao longo do século XVIII, contando com maiores liberdades no que diz respeito aos movimentos nacionalistas; por sua vez, o leste esteve sob o domínio direto do Czar, de tal forma que sofreu maior pressão por políticas de russificação – a área



Figura 1. Mapa da Ucrânia – fronteira com países da CEI e da UE.

Wikimedia Commons

que corresponde à parte oriental, inclusive, foi denominada “Nova Rússia” e no período de “sovietização” stalinista recebeu muitos russos, empregados nas minas de ferro e carvão.⁶ Essa divisão se reflete diretamente nos processos eleitorais: a segunda defende uma maior aproximação do país com a Rússia, enquanto que a primeira defende uma maior aproximação com o Ocidente. Os partidos Nossa Ucrânia e o Bloco Iúlia Timoshenko têm como plataforma de campanha a aproximação com o Ocidente e, portanto, contam com uma adesão maior na parte ocidental; por sua vez o Partido das Regiões, que almeja a aproximação com a Rússia e luta pelos direitos da população russa no país, predomina na região

⁶ MIELNICZUK, Fabiano. **Ucrânia e Belarus: tão longe do Ocidente e tão perto da Rússia**. Rio de Janeiro: Konrad Adenauer Stiftung:, 2009, p.50

oriental. Há, inclusive, uma parceria desse partido com o Rússia Unida, do premiê Vladimir Putin, o que levanta suspeita acerca de financiamentos externos de campanha. Do mesmo modo, os partidos pró-Occidente mantêm relações com os correligionários da União Europeia. Cogita-se que o acirramento dessas diferenças regionais possa levar ao desmembramento do território nacional.

Os primeiros presidentes após a independência, em 1991, Leonid Kravchuk (1991-1994) e Leonid Kuchma (1994-2005) adotaram posições flexíveis e, por vezes, ambíguas em relação à Rússia. A busca por neutralidade no jogo político envolve questões internas, uma vez que o alinhamento a um determinado polo, apesar de satisfazer algumas regiões do país, gera contestações por parte das outras, colocando em risco a integridade nacional. No âmbito externo, a Ucrânia necessita manter boas relações tanto com a Rússia quanto com o Occidente. Pela sua situação fronteiriça, o país depende de ambos os polos – o alinhamento a um pode implicar na degeneração das relações com o outro. Nesse contexto, Kravchuk se opôs à transformação da CEI em uma organização supranacional, temendo que ela se tornasse um veículo de dominação russa. Ao mesmo tempo soube barganhar a transferência do arsenal nuclear soviético para o território russo, obtendo concessões tanto da Rússia quanto do Occidente. Cada passo da política externa teve que ser dado com extrema cautela, uma vez que muitos nacionalistas russos, dentre eles, deputados no Duma, não reconhecem a Ucrânia como um “outro país” - tal “vínculo” remonta à história de ambos os países: o próprio Estado Russo se consolidou no principado de Kiev, no período conhecido como “Rússia (Rus) Kievana”, e ao longo da história, como foi mencionado, parte do território que hoje é a Ucrânia pertenceu ao Império Russo.⁷ A Comunidade Internacional, nos primeiros meses após a dissolução da URSS, também relutou em reconhecer as repúblicas soviéticas como independentes – priorizou as relações com a Rússia. O reconhecimento da independência ucraniana dependeria da barganha com os respectivos polos de poder.

Kuchma, quando eleito, apresentava-se como pró-Rússia; entretanto, com os fortes investimentos estadunidenses no país, acabou se voltando ao Occidente, pleiteando inclusive o ingresso na União Europeia. A criação do GUAM remonta a esse

⁷ “Duma” é a câmara baixa do parlamento russo.

período e teve como seu idealizador justamente a Ucrânia. Depois do vizinho gigante, o país é o mais desenvolvido dentre as ex-repúblicas soviéticas, sendo, portanto, o mais apropriado para liderar um bloco de contestação à hegemonia russa. Após sucessivos escândalos de corrupção (*Kuchmagate*), os quais contribuíram para o distanciamento do Ocidente, Kuchma se voltou novamente à Rússia. Seu sucessor, Viktor Yanukovych, do Partido das Regiões, apresentou uma plataforma “russófila” nas eleições presidenciais de 2004. Em oposição a ele, estava Viktor Yushchenko, do Partido Nossa Ucrânia, com uma plataforma pró-Ocidente. No processo eleitoral, Yanukovych saiu vitorioso, mas a oposição contestou os resultados exibindo provas de fraudes eleitorais. A situação se tornou instável, e atraiu a atenção da imprensa internacional. O presidente russo, Vladimir Putin, pronunciou-se declarando que as eleições foram justas e limpas; líderes do Ocidente, por sua vez, criticaram o processo e defenderam a realização de um novo pleito. No âmbito interno, as divisões estavam tão acirradas, a ponto de se cogitar um iminente conflito. A oposição saiu às ruas de Kiev exigindo novas eleições. Após intenso debate elas foram realizadas e o pró-ocidentalismo Yushchenko ganhou a polêmica disputa. O período ficou conhecido como “Revolução Laranja” em alusão à Revolução de Veludo, que depôs pacificamente o regime pró-soviético na Tchecoslováquia, em 1989. Os manifestantes utilizaram roupas e bandeiras laranja como meio de identificação.

O período Yushchenko (2005-2010) caracterizou-se por políticas anti-Rússia, como a oposição à promoção do russo como segunda língua estatal, e uma maior aproximação com o Ocidente, em um sentido de integração com a União Europeia e de adesão à OTAN. Em uma atitude polêmica, diplomatas russos foram expulsos sob a acusação de espionagem. Yushchenko declarou publicamente que o período de fome massiva que afetou a União Soviética, *Holodorm*, foi um genocídio cometido contra o povo ucraniano. Tal revisionismo sugere que a Rússia teve sua parte de culpa no “crime”. Também questionou a perseguição soviética aos ucranianos nacionalistas que apoiaram os invasores nazistas durante a Segunda Guerra, inclusive conferindo o título de “Herói da Ucrânia” a Stepan Bandera - um dos proclamadores da independência do

país em 1941, após negociação com os invasores alemães.⁸ Bandera, cultuado na região ocidental – e visto como um traidor por muitos orientais -, foi assassinado em Munique pelo KGB, em outubro de 1959.⁹ Em uma entrevista ao jornal alemão Der Spiegel, Yushchenko declarou que a busca pela adesão à OTAN tem em mente a proteção contra o imperialismo russo e que os suspeitos pelo seu envenenamento nas eleições de 2004 estariam sendo acobertados por Moscou.

“Em 1654, a Ucrânia perdeu a sua soberania e se tornou uma província de fronteira do Império Russo. Durante o século XX, a Ucrânia proclamou a sua independência seis vezes e a perdeu novamente cinco vezes. Para nós, a perda de nossa soberania não é uma ameaça teórica, mas sim a verdadeira experiência de vida de muitas gerações. Nós sempre perdemos a nossa soberania por uma única razão: formos vítimas de jogos de poder. Isso explica por que nós agora estamos procurando a nossa segurança no âmbito da OTAN, uma aliança de democracias que já inclui a Polônia, a República Checa, Lituânia, Letônia e Estônia.

*[...] As pessoas que diretamente planejaram meu envenenamento estão em Moscou desde os últimos quatro anos. Apelei para o presidente russo, três vezes, e pedi-lhe que permitisse uma interrogação por investigadores ucranianos na nossa embaixada em Moscou. Os suspeitos incluem o ex-vice-diretor da agência de inteligência, a cozinheira e um dos garçons. Todas essas pessoas estão em Moscou.”*¹⁰

A maior controvérsia política que afetou significativamente as relações bilaterais foi a acusação feita pelo presidente russo, Dmitri Medvedev, segundo a qual nacionalistas ucranianos teriam participado na guerra da Geórgia de 2008 e o governo ucraniano teria contribuído com armas. O embaixador em Kiev foi chamado a Moscou e, em uma carta aberta, Medvedev afirmou que o representante não voltaria enquanto a situação não cambiasse.

"Problemas na cooperação bilateral, naturalmente, existiram antes. Foram naturais após a desintegração da União Soviética, quando tivemos que desenvolver as relações entre dois Estados soberanos. No entanto, o que temos presenciado durante os anos da sua Presidência não pode ser interpretado como algo que não seja o afastamento da Ucrânia dos princípios de amizade e parceria com a Rússia, consubstanciados no Tratado de 1997. Eu já escrevi para você sobre isso em novembro do ano passado e a situação não melhorou, mas degradou [...]"

⁸ Em abril de 2009 um tribunal regional declarou ilegal o título de “herói” e, em janeiro de 2011, o decreto foi oficialmente revogado pela presidência, já no governo pró-Rússia de Viktor Yanukovich.

⁹ Muitos heróis cultuados na parte oriental são tidos como traidores na parte ocidental – dentre eles importantes lideranças soviéticas.

¹⁰ Periódico alemão Der Spiegel. **Interview with Ukrainian President Viktor Yushchenko 'The Problems Began After the Orange Revolution'**. 09/07/2009. <http://www.spiegel.de/international/world/0,1518,647401,00.html>

A reação negativa do público foi causada pela postura antirrusa da Ucrânia em relação ao brutal ataque contra a Ossétia do Sul pelo regime de Saakashvili. Um ano após os trágicos acontecimentos, mais uma vez a questão de por que os civis e forças de paz russas em Tskhinval foram mortas com armamento ucraniano tem incomodado. Aqueles em Kiev, que forneceram armas ao exército da Geórgia e, que a propósito, continuam fornecendo, partilham inteiramente com Tbilisi a responsabilidade pelos crimes cometidos [...]

Ignorando a opinião dos cidadãos ucranianos, assim como a bem conhecida posição da Rússia, os líderes políticos da Ucrânia teimosamente continuam a buscar a adesão à OTAN. Utilizam o argumento da "ameaça russa" à segurança da Ucrânia, algo que, como você bem sabe, não existe e não pode existir. Infelizmente, a lógica deste raciocínio destrutivo é a incessante tentativa de dificultar as atividades da Frota Russa no Mar Negro, violando os acordos fundamentais que regem os parâmetros desta base na Ucrânia [...]

As relações russo-ucranianas foram ainda testadas, pela vontade do seu governo em se engajar no revisionismo histórico, heroicizar os colaboradores nazistas, exaltar o papel desempenhado pelos nacionalistas radicais, e impor à comunidade internacional uma interpretação nacionalista da "fome massiva" que assolou a URSS de 1932 a 1933, chamando-a de "genocídio do povo ucraniano". A exclusão da língua russa da vida pública, ciência, educação, cultura, mídia e processos judiciais continua [...]

Gostaria de informar que, tendo em vista a posição antirrusa das atuais autoridades ucranianas, decidi adiar o envio de um novo embaixador russo para a Ucrânia. As datas específicas serão determinadas posteriormente, à luz do desenvolvimento futuro das relações russo-ucranianas.”¹¹

Ao longo do período Yushchenko travou-se uma verdadeira guerra comercial. A Rússia suspendeu as importações de muitos produtos ucranianos – todos os produtos de origem animal foram banidos, sob a justificativa de que o país não atendia às exigências sanitárias da legislação russa. Em 2009, as hostilidades atingiram o ápice, dando início à “Guerra do Gás”. A estatal russa Gazprom ambicionava um significativo aumento no preço da *commodity*, o que não foi aceito pela estatal ucraniana Neftogaz, já endividada com a primeira. Como consequência, no dia 1º de janeiro, em pleno inverno europeu, o governo russo suspendeu o fornecimento para a Ucrânia e, no dia 6, reduziu o envio para os demais países. No dia 7 o governo ucraniano proibiu o trânsito de gás pelo seu território, interrompendo por completo o fornecimento à Europa. Vale destacar que por volta de 80% do gás russo é exportado através do território ucraniano.¹² O abastecimento só foi normalizado a partir do dia 20, deixando graves

¹¹ Sítio oficial do Kremlin. **Discurso de Medvedev ao Presidente da Ucrânia, Viktor Yushchenko.** 11/08/2009. <http://archive.kremlin.ru/eng/text/docs/2009/08/220759.shtml>

¹² PIRANI, STERN e YAFIMAVA. **The Russo-Ukrainian gas dispute of January 2009: a comprehensive assessment.** Oxford Institute for Energy Studies, fev/2009.

dúvidas quanto à confiabilidade da Rússia e da Ucrânia em garantir o suprimento ao Velho Continente.

Ademais os embates com a Rússia, questões de ordem interna abalaram a popularidade do governo. Outros líderes da Revolução Laranja foram demitidos e o parlamento foi dissolvido duas vezes. Membros de sua coligação passaram à oposição, como a polêmica Iúlia Timoshenko. A instabilidade institucional decorreu, principalmente, das emendas constitucionais de 2004 que alteraram o *status quo* dos poderes do presidente e do primeiro-ministro. Numa aparente reaproximação com o vizinho gigante, o opositor, Viktor Yanukovych, alcançou o posto de primeiro-ministro em agosto de 2006, após o Partido das Regiões obter 32,14% dos votos. Entretanto, mudanças substanciais não se concretizaram no governo Yushchenko e nas eleições de 2010, Yanukovych assumiu a presidência, colocando um ponto - ou uma pausa - na Revolução Laranja. A política externa foi então reorientada em um sentido eslavófilo pragmático.

Um dos principais constrangimentos nas relações russo-ucranianas é o *status* da península da Crimeia. Em 1954, Nikita Khrushchev transferiu a região russa para o domínio da República Socialista Soviética da Ucrânia, em comemoração ao bicentenário da união russo-ucraniana. Com a dissolução da URSS, a região continuou sob o domínio ucraniano. Desde então, nacionalistas russos passaram a contestar a forma como se deu tal transferência, reivindicando a soberania do território. Sua localização é de suma importância do ponto de vista geopolítico, uma vez que a posse de portos no Mar Negro permite o acesso ao Mar Mediterrâneo. No período Imperial, a Rússia travou intensas batalhas pelo seu domínio, contra otomanos, ingleses e franceses.¹³ Para que as relações com a Ucrânia não fossem prejudicadas, o presidente Boris Yeltsin combateu politicamente as referidas lideranças nacionalistas. Vale destacar que a população da Crimeia é majoritariamente composta de russos étnicos, 58,3%, os quais almejam uma união com a Rússia, seguido de 24,3% de ucranianos.¹⁴ Numa tentativa de amenizar os impulsos separatistas da península, que

¹³ A Guerra da Crimeia (1853-1856) foi um dos principais conflitos verificados na região.

¹⁴ Sítio do Comitê Estatal de Estatísticas da Ucrânia/ Censo Populacional Nacional de 2001. <http://2001.ukrcensus.gov.ua/results/general/nationality/>

ganharam força no início dos anos 1990, maiores poderes foram conferidos à região, elevando grande parte de seu território ao *status* de “República Autônoma”.

Durante o governo do presidente pró-Occidente Viktor Yushchenko, políticas vistas como anti-Rússia foram implementadas na Crimeia, dentre as quais, a obrigatoriedade da língua ucraniana nas atividades governamentais regionais e em algumas escolas públicas. A população russa local contestou tais medidas. Sergey Tsekov, um dos principais líderes políticos da região, declarou:

"As autoridades centrais na Ucrânia estão provocando o povo da Crimeia [...] Eles se relacionam conosco do mesmo modo que a Geórgia se relaciona com a Abecásia e a Ossétia do Sul. Eles pensam que nós vamos esquecer nossas raízes [russas], nossa língua, nossa história, nossos heróis. Somente pessoas estúpidas podem achar que nós vamos fazer isso. Infelizmente, pessoas estúpidas atualmente governam a Ucrânia." ¹⁵

Em oposição ao alinhamento pró-Occidente, o *Verkhovna Rada* da Crimeia enviou uma carta (18/02/2009) à presidência do país e à Assembleia Geral da ONU colocando-se contra a eventual abertura de uma representação diplomática estadunidense na península.¹⁶ A carta teve a aprovação de 77 dos 90 representantes.¹⁷ É interessante observar que, nas eleições parlamentares de 2006, 32,55% do parlamento local foi preenchido pela aliança “Por Yanukovych!” (Partido das Regiões e Bloco Russo), enquanto que os tradicionais partidos pró-Occidente, Bloco Lúlia Timoshenko e Nossa Ucrânia, obtiveram apenas 6,03% e 1,24%, respectivamente.¹⁸

Outro agravante da situação da região é a Segunda Frota do Mar Negro, situada no porto de Sebastopol. Com o fim da URSS, a frota permaneceu sob o comando da Federação Russa, atraindo a antipatia dos nacionalistas ucranianos, que consideram o protetorado uma ocupação ilegítima do vizinho gigante. Em 2009, o presidente Yushchenko declarou que a concessão da base não se estenderia para além de 2017 e que todos os oficiais do FSB russo deveriam deixar a região.¹⁹

¹⁵ New York Times. **Russia and Ukraine in Intensifying Standoff**. 28/08/2009

http://www.nytimes.com/2009/08/28/world/europe/28crimea.html?pagewanted=2&_r=2&partner=rss&emc=rss

¹⁶ “Verkhovna Rada” significa “Conselho Supremo” em ucraniano, equivalente a um parlamento regional.

¹⁷ Periódico ucraniano Kyiv Post. **Crimean parliament votes against opening U.S. diplomatic post**. 18/02/2009
<http://www.kyivpost.com/news/nation/detail/35722/print/>

¹⁸ REGNUM. **Orgasheni resul'tati viborov v Verkhovniy Soviet Krima** [“Anunciados os resultados das eleições para o Conselho Supremo da Crimeia”]. 19/04/2006 <http://regnum.ru/news/626150.html>

¹⁹ FSB: *Federalnaya Sluzhba Bezopasnost* - Serviço Federal de Segurança. Instituição sucessora da KGB.

O novo presidente pró-Rússia, Viktor Yanukovich, pôs fim à contenda ao assinar o Tratado de Kharkov (2010), no qual está previsto o prolongamento da concessão do porto até 2042, seguido de renovações quinquenais sucessivas. Permitiu-se que os oficiais do FSB regressassem. Em troca, a Ucrânia logrou vantajosos preços para a compra de gás. Considera-se que o referido tratado seja o marco que pôs fim à Revolução Laranja.²⁰

Assim como nas regiões orientais há sentimentos ucraniofóbicos, principalmente por parte dos separatistas russos da Crimeia, nas regiões ocidentais há fortes movimentos russofóbicos que, apesar de pequenos, vêm crescendo no cenário político - a eleição do Partido das Regiões, pró-Rússia, ao executivo nacional, reforçou essa tendência. Dentre esses movimentos está o Partido Svoboda (“liberdade”), cujo lema é “a Ucrânia para os ucranianos”.²¹ Seu programa partidário defende uma política nacionalista, extremista e xenófoba, acusado por muitos de “neofascista”. A classificação das etnias do país delimitando quem é ucraniano étnico e quem não é, e a posterior delimitação dos direitos políticos, com uma maior representação proporcional aos primeiros, por exemplo, estão entre as suas metas. No que concerne à política externa, Svoboda ambiciona:

“Determinar o “Ucraniocentrismo” europeu como direção estratégica do Estado, segundo a qual a Ucrânia aspira se tornar não apenas o centro geográfico, mas também o centro geopolítico da Europa.

Cessar qualquer participação da Ucrânia em organizações supranacionais da Eurásia centralizadas em Moscou: Comunidade dos Estados Independentes (CEI) e Espaço Econômico Comum (EEC).

Dar significado real para o único projeto verdadeiramente geopolítico, no qual a Ucrânia exerce importante papel - GUAM. Atrair para essa comunidade outros países da região do Mar Cáspio e do Mar Negro.

[...] definir unilateralmente as fronteiras com a Rússia (no exemplo da Estônia). Proporcionar segurança adequada na fronteira. Introduzir um regime de vistos com a Rússia.

[...] Concluir um acordo bilateral claro com os EUA e a Grã-Bretanha para uma ajuda imediata à Ucrânia, de grande efetivo militar, em caso de agressão armada por parte da Rússia.

[...] Iniciar ações reais - e não apenas declarações - que levem à integração da Ucrânia nas estruturas de segurança europeia: limpar os agentes de Moscou do poder e

²⁰ Periódico russo Nezavisimaya Gazeta. **Krakh Oranzevoy Pyatiletki** [“O Colapso do Quinquênio Laranja”]. 29/01/2011. http://www.ng.ru/cis/2011-01-29/100_orange.html

²¹ Kyiv Post. **Nationalist Svoboda scores election victories in western Ukraine**. 11/11/2010 <http://www.kyivpost.com/news/politics/detail/89664/>

das estruturas de força; atenuar o financiamento russo a organizações subversivas; delimitar e demarcar a fronteira; apagar os focos de separatismo; neutralizar todas as reivindicações territoriais à Ucrânia; assegurar a retirada de bases militares russas do território ucraniano; reformar e modernizar o Exército e a Marinha da Ucrânia, imediatamente.”²²

Concluindo o exposto, podemos considerar a Ucrânia um dos países mais divididos e oscilantes dentro do espaço pós-soviético. Desde 1991, a política externa trilhou seus caminhos entre o ocidentalismo pragmático e o russofilismo - também pragmático. Alguns presidentes apresentaram certo impulso ao radicalismo, mas os constrangimentos internos e externos os impeliram à moderação. A região encontra-se na linha de frente entre Rússia e União Europeia, portanto, alinhar-se a algum polo não é a melhor opção, apesar de a neutralidade ser uma situação praticamente impossível. O isolamento de Yushchenko em relação à Rússia só aumentou a pressão desse país sobre a Ucrânia e prejudicou-o politicamente, de modo que favorecesse a oposição pró-Rússia. As concessões feitas atualmente à Rússia pelo presidente Yanukovich também foram muito questionadas. Com o tempo será possível saber o impacto eleitoral das políticas implementadas. Vale destacar que até o momento o país não ratificou o tratado de adesão à Comunidade dos Estados Independentes (CEI) e, portanto, pelo menos *de jure*, não pertence à “união pós-soviética”. Uma nova ascensão dos ocidentalistas pode levar à denúncia dos tratados recém-firmados e, com isso, ao renascimento da Revolução Laranja. O futuro do GUAM certamente estará comprometido enquanto os russófilos estiverem na liderança do governo ucraniano. O país é o líder do bloco e, com a sua atual orientação, poucos avanços ocorrerão no sentido de contestação à hegemonia russa. O GUAM veio ao lado das Revoluções Coloridas e, assim como veio, poderá partir junto a elas.

2.2 MOLDÁVIA

²² Prohrama VO Svoboda, Prohrama zakhistu ukraintziv, Zovnishnya Politika i Oborona. Evropeiskiy Ukrainotzentrizm ta sil'na Derzhava [“Programa do Partido Svoboda, Programa de proteção dos ucranianos, Política Externa e Defesa. Ucraniocentrismo europeu e Grande Potência”]
http://www.svoboda.org.ua/pro_partiyu/prohrama/

O principal entrave nas relações russo-moldávias encontra-se no *status* da região secessionista da Transdnístria.²³ Desde a URSS a região é parcialmente administrada a partir de Moscou, dentre outros motivos, pela forte influência política e cultural que a minoria russa exerce, constituindo aproximadamente 30% da população local.²⁴ Durante o golpe de Estado a Mikhail Gorbachev em 1991, as lideranças locais decidiram por apoiar os golpistas enquanto as lideranças moldávias se opuseram. Pouco depois das divergências, os primeiros declararam a independência da “República da Transdnístria”. Em 1992, com a União Soviética já dissolvida, iniciou-se uma guerra entre a Moldávia e o enclave. O país recorreu à Organização para a Segurança e Cooperação na Europa (OSCE), que



Figura 2. Moldávia e a região secessionista da Transdnístria. *Wikimedia Commons*

declinou o pedido de ajuda. Sem alternativas, o então presidente Mircea Snegur buscou o Kremlin que, através de uma força de *peacekeeping* (CEI) composta por russos, moldávios e transdnístrios, logrou um cessar fogo. Desde então, as tropas russas não deixaram a região. Boris Yeltsin assinou um acordo de retirada, mas o Parlamento russo (Duma) não aprovou – a pressão dos nacionalistas russos no Congresso e na própria Transdnístria, somada à influência política de algumas lideranças militares, dificulta qualquer decisão nesse sentido.

O nacionalismo moldávio e romeno, em sincronia com o antirruismo, cresceu acentuadamente ao longo desses anos. Em 1992, Chisinau alterou o alfabeto cirílico para o latino, aproximando a língua moldávia da romena. Em 1997, o país participou da criação do GUAM. Em contrapartida, na Transdnístria o russofilismo é eminente:

²³ “Transdnístria” significa “além do rio Dniestre”.

²⁴ Biroul National de Statistica. <http://statbank.statistica.md/pxweb/Dialog/SaveShow.asp>

escolas públicas que optaram por utilizar o alfabeto latino na língua moldávia (romena) foram fechadas por ordem governamental.²⁵

É interessante observar que há uma guerra de identidades no país, resultado de políticas de nacionalização malsucedidas e de frequentes disputas territoriais: a região sofreu forte influência do Império Otomano, Austro-Húngaro e Russo. No século XIX, dividiu-se o Reino da Moldávia e parte foi anexada ao Império Russo, denominada Bessarábia. A outra se uniu à Valáquia, dando origem à Romênia. Durante o domínio russo, políticas de russificação, como a deportação de “romenos” nacionalistas e a instituição do alfabeto cirílico, foram implementadas. Em 1918, após um curto período de independência, a Bessarábia e o norte da Bucovina passaram ao jugo romeno e só retornaram ao domínio russo-soviético em 1940, com a assinatura do Pacto Ribbentrop-Molotov. A região ucraniana contígua à Bessarábia, Transdnístria, foi desmembrada em 1924 e recebeu o *status* de “República Soviética Socialista Autônoma da Moldávia”.²⁶ Apesar de possuírem poucos laços culturais em comum, ao findar da Segunda Guerra, Transdnístria e parte da Bessarábia/ norte da Bucovina foram unificadas e elevadas ao nível de República Socialista Soviética da Moldávia, ao mesmo tempo em que parte do território foi anexada à Ucrânia. Essa série de disputas territoriais condiciona as identidades hoje no país: parte da população e das elites políticas se identifica como transdnístria, russa, romena e moldávia, por ora ressaltando suas semelhanças ou diferenças culturais em relação aos vizinhos.

Em 2002, com a ascensão dos comunistas pró-Rússia no legislativo e, conseqüentemente, no executivo (semiparlamentarismo), as relações Rússia-Moldávia melhoraram.²⁷ O novo presidente, Vladimir Voronin, declarou que iria se esforçar para tornar o russo língua oficial junto ao moldávio (romeno). Chegou até mesmo a questionar se o GUAM deveria continuar a existir. Tentou reaproximar a Transdnístria com a possibilidade de criar um sistema federativo no qual o enclave teria grande autonomia. Entretanto, os separatistas, encorajados diante do resguardo de forças

²⁵ Há muita semelhança entre o romeno e o moldávio. Muitos linguistas afirmam que ambos são a mesma língua. O que os diferenciou no séc.XX foram os alfabetos, diferenciados por questões políticas: o romeno, usando o latino, e o moldávio, usando o cirílico.

²⁶ HEINTZ, Mônica. **Republic of Moldova versus Romania: The Cold War of National Identities**. Journal of Political Science and International Relations, 2005.

²⁷ Foi a primeira vez que um partido comunista elegeu um presidente no Leste Europeu após o fim da URSS. O passado soviético é visto com nostalgia por muitos – a economia no período era mais satisfatória para o país.

militares russas, deram pouca importância à proposta. A intransigência da Rússia em se retirar levou Voronin a se aproximar do Ocidente. Em 2003, como todos os membros do GUAM, a Moldávia enviou um pequeno contingente militar ao Iraque. Donald Rumsfeld, Secretário de Defesa dos EUA, visitou Chisinau, abalando ainda mais as relações com o Kremlin. Em 2005, o então presidente da Ucrânia, Viktor Yushchenko, decretou um bloqueio ao pseudoestado transdnístriu: todos os produtos do enclave que entrassem na Ucrânia deveriam ter a aprovação da aduana moldávia. Muitos em Moscou acreditam que Kiev estava agindo sob pressão dos Estados Unidos e da União Europeia. Vale destacar também a influência da Romênia nesse conflito de influências: devido aos laços culturais Moldávia-Romênia, parte da população passou a demandar a unificação entre os dois países. Em março de 2006, a Rússia impôs restrições à importação de vinho da Moldávia, um dos principais produtos de sua balança comercial. Agravando a situação, o Ministro de Relações Exteriores russo, Sergey Lavrov, considerou que *“as repúblicas não-reconhecidas no espaço pós-soviético possuíam o direito à autodeterminação [...] A expressão da vontade do povo é a autoridade mais alta em determinar o destino daqueles que vivem em território específico”*. O Ocidente respondeu, através da OSCE, demandando a retirada imediata de forças russas da Moldávia e da Geórgia.

Em 17 de setembro de 2006, os residentes da Transdnístria votaram pela união com a Rússia - 97% a favor e 2% contra. Voronin se viu cada vez mais enfraquecido diante do embate com o “Urso Gigante”: foi a partir de então que decidiu por reorientar sua política externa no sentido de reaproximar-se pragmaticamente da Rússia. Em junho de 2006 não compareceu a uma reunião do GUAM. O boicote ao vinho moldávio foi revogado e o preço do gás reestabilizado.

É interessante observar que, por mais que a intenção de Voronin fosse orientar a política externa no sentido eslavófilo pragmático, os constrangimentos estruturais, de ordem interna e externa forçaram-no a adotar o posicionamento ocidentalista pragmático. Tais constrangimentos incidem sobre todos os membros do GUAM e dificultam a adoção de qualquer política que não seja ocidentalista.

Nas eleições parlamentares de abril de 2009, o Partido Comunista da República da Moldávia (PCRM) obteve 49,48%. No entanto, opositoristas ao governo

questionaram os resultados e exigiram novas eleições. Manifestações violentas ocorreram na capital Chisinau. O presidente Voronin expulsou o embaixador da Romênia, acusando o governo romeno de estar por trás da desestabilização – dentre os manifestantes revoltosos, muitos portavam a bandeira romena. Novas eleições foram realizadas em julho do mesmo ano. Apesar dos comunistas vencerem mais uma vez, a coligação pró-Occidente “Aliança Pela Integração Europeia”, formada pelo Partido Liberal (PL), Partido Democrata Liberal (PDL) e Partido Democrata (PD), conquistou o maior número de cadeiras, elegendo, conseqüentemente, o presidente Mihai Ghimpu. O episódio ficou conhecido como “Revolução Lilás”, em alusão à onda de “Revoluções Coloridas”. Desde então, o país submergiu em uma crise institucional sem precedentes. Nenhuma coligação obtém 61 cadeiras – o necessário para se eleger o chefe de estado e, portanto, o presidente assume em caráter temporário.

No governo Ghimpu as relações com a Rússia mais uma vez se deterioraram. Mihai é abertamente a favor da unificação entre a Romênia e a Moldávia que, segundo ele, possuem a mesma origem étnica. A unificação vem ganhando cada vez mais adesão, principalmente após a Romênia ter ingressado na União Europeia. Unificar-se é o mesmo que aderir à UE e abandonar a CEI. Contudo, a Rússia ainda exerce forte influência principalmente em decorrência de seu peso no comércio exterior (32,9% das exportações e 15,1% das importações – há uma zona de livre comércio da CEI); das minorias russas e ucranianas (russófonas) que juntas constituem 21% da população; e do grande número de imigrantes moldávios na Rússia – vale destacar que o país é o mais pobre da Europa.²⁸

Ghimpu indispôs-se com os russos ao fazer a seguinte afirmação:

“Eu reverencio todos aqueles que lutaram pela paz, pela democracia, pela existência da vontade do Senhor, para que esta terra fosse habitada por romenos, a Rússia - por russos, França - pelo povo francês, Alemanha - pelos alemães”.

Também em 2010, o presidente pediu à OTAN que interferisse na Transdnístria a fim de pressionar a retirada das tropas russas. Demais atitudes foram vistas como um afrontamento pelo Kremlin: a recusa de Ghimpu em comparecer na Parada do Dia da

²⁸ Biroul National de Statistica. <http://statbank.statistica.md/pxweb/Dialog/SaveShow.asp>

Vitória na Praça Vermelha;²⁹ a nomeação de uma das principais ruas de Chisinau por “Antonescu”, ditador da Romênia que apoiou os nazistas, permitindo que o território fosse utilizado para invadir a URSS; a retirada da obrigatoriedade da tradução de filmes para a língua russa nos cinemas moldávios; e a declaração do dia 28 de junho como “Dia da Ocupação Soviética”, prevendo, inclusive, a proibição de símbolos comunistas. Tal decreto foi duramente criticado, pois para muitos a data de 28 de junho de 1940 é vista como o dia da libertação da Moldávia do jugo romeno.³⁰

Ghimpu buscou uma política de ocidentalismo radical. No entanto, assim como há constrangimentos estruturais que dificultam a adoção de uma postura eslavófila, há também constrangimentos que dificultam um posicionamento que não seja o ocidentalismo pragmático – inclinações radicais não se sustentam por muito tempo, tendo em vista que a maior parte da população oscila entre posições moderadas. A sociedade encontra-se parcialmente polarizada entre dois grupos: pró-Rússia, com base no Partido Comunista, e pró-Occidente (Romênia, União Europeia), com base na Aliança Democrata-Liberal. Recentemente o partido do premiê Putin, Rússia Unida, assinou um acordo de parceria com o Partido Democrata Moldávio e pouco depois, em novembro de 2010, Marian Lupu saiu vencedor. Lupu, ex-membro do Partido Comunista, é considerado um liberal moderado. Deputados russos criticaram o apoio do Kremlin por verem nele o abandono dos comunistas, partido de maior representação da minoria russa.³¹

O Partido Liberal (PL), de Mihai Ghimpu, em seu programa de governo apontou suas tendências ocidentalistas. Entre seus principais pontos estão:

“[...] Para o PL é uma prioridade absoluta a adesão da Moldávia à União Europeia. A integração europeia é um objetivo importante para o Partido Liberal em política interna e externa, promovido com consistência e determinação. Vamos trabalhar para fazer avançar a relação especial com os parceiros estratégicos de importância para o desenvolvimento e a europeização da República Moldávia.

[...] Desenvolver um Plano Estratégico Europeu para parceria com a Romênia no que tange à exploração de conhecimento e da experiência romena no processo de adesão à UE...

²⁹ Dia da Vitória na Segunda Guerra Mundial é uma das principais datas comemorativas das ex-repúblicas soviéticas.

³⁰ Periódico Moldova Azi. **Ghimpu decrees to regard June 28, 1940 as day of soviet occupation of Moldova** 25/06/2010 <http://www.azi.md/en/story/12291>

³¹ Nezavisimaya Gazeta. **Moskva zabyla pro svoikh v Moldavii**. [“Moscou esqueceu os seus conterrâneos na Moldávia”]. 18/11/2010 http://www.ng.ru/cis/2010-11-18/1_moldavia.html

[...] O PL mantém um diálogo realista e mutuamente benéfico com a Rússia, fundamentado nos princípios estabelecidos pelo Tratado de Base, assinado em 2001 – independência, soberania e integridade territorial da Moldávia. Neste sentido, continuamos firmes que a retirada completa das tropas, munições e equipamentos da República russa da Moldávia, irá contribuir para um clima de segurança aos cidadãos para resolver o conflito nos distritos do leste do país.

As principais metas são:

- Diversificação das fontes de energia e os mercados, o que eliminaria a dependência de um único fornecedor - a Rússia -, que tem usado esses recursos para fins políticos;

- O uso de condições preferenciais, que atribuiu à União Europeia para promover a economia da República da Moldávia;

- Diversificação de mercados para os produtos nacionais;³²

- Implementação do Acordo de Parceria Individual Plano de Ação OTAN-Moldávia (IPAP) atualizado, informações precisas ao público sobre o papel e a importância da OTAN para a democratização da República da Moldávia e da indispensabilidade desta Organização no processo de integração europeia. Apreciação, a médio e longo prazo, do início das negociações sobre o Plano de Ação para Adesão da Moldávia à OTAN.”³³

Em oposição ao ocidentalismo radical de Mihai Ghimpu, o Partido Comunista (PKRM) divulgou seu programa para as eleições abordando a necessidade de uma parceria estratégica com a Rússia. Seu líder, o ex-presidente Voronin, afirma que a Moldávia não é um estado de romenos, mas sim um estado multiétnico e, portanto, deve buscar a tolerância étnica ao invés de perseguir projetos de exclusão, como Ghimpu fez. Também cita que o país deve se dedicar à integração europeia, mas não faz referências diretas a uma eventual adesão à UE. Em contrapartida, afirma a necessidade de se fortalecer a CEI e evitar a aproximação com o GUAM e com blocos militares, em específico a OTAN. Por sua condição fronteiriça a Moldávia deve ser o elo de integração entre a CEI e a UE.

“[...] é preciso se concentrar em resolver as tarefas executáveis e de extrema urgência, e não guizo de guizos de integração europeia e, além disso, não desempenhar o papel de baterista em projetos provocativos e natimortos como o GUAM ou a Parceria Oriental. Nossa posição: a Moldávia não é participante de um único polo, "cordão sanitário", mas sim um lugar de multiplicar os recursos das liberdades europeias e das liberdades da integração pós-soviética [...]

³² *De facto* o comércio com a Rússia decresceu de U\$ 508.778,9 milhões de dólares em 1997 para U\$ 286.510,3 milhões em 2009 - exportações. <http://statbank.statistica.md/pxweb/Dialog/SaveShow.asp>

³³ Sítio do Partido Liberal (PL). **Programul electoral al PL pentru alegerile parlamentare din 28 noiembrie 2010** [“Programa Eleitoral do PL para as Eleições Parlamentares de 28 de Novembro de 2010”]. 02/11/2010. <http://www.pl.md/pageview.php?l=ro&idc=212> –.

[...] Hoje estamos vivenciando o "soft power" dos nossos vizinhos que, através da mídia e de organizações não governamentais, gastam suas próprias políticas para corroer as bases da independência do país, impor a sua própria perspectiva, tentando desacreditar a Rússia e a CEI através de "pesquisas encomendadas". E somente por isso – porque é a CEI e a Rússia! A sociedade civil euroasiática, (é) que irá proteger os nossos valores e metas para o futuro - uma necessidade, um imperativo do nosso tempo, é a melhor maneira de restaurar a sua dignidade civilizacional, livrar nossa sociedade de marcas caínicas, de inferioridade e periferia [...]

[...] Nós, a princípio, acreditamos que os blocos militares existentes são um anacronismo que limita a área de segurança, e não fator da manutenção da estabilidade regional. É por isso que apoiamos a iniciativa do presidente russo para estabelecer uma nova arquitetura de segurança europeia [...] Estes princípios, relacionam-se com a resolução do problema da Transdnístria - outro ponto chave no desenvolvimento da parceria estratégica da Moldávia com a Rússia. A desmilitarização completa das partes envolvidas no conflito, a construção de confiança entre a população de ambos os lados, com base em um plano claro e preciso para a restauração da unidade cívica, é a verdadeira maneira de reforçar a segurança, e não as enfadonhas informações politizadas sobre a missão de paz da OTAN.”³⁴

Como se pode observar nos programas das duas principais forças políticas nacionais, a Moldávia encontra-se em uma situação polarizada, na qual qualquer decisão tomada por um governo pode ser reorientada em outro sentido, com a ascensão da oposição. Entretanto, o enclave territorial da Transdnístria confere uma limitação estrutural às possibilidades de política externa a serem adotadas e exerce uma pressão de convergência entre os dois polos partidários: a relação com a Rússia envolve diretamente a integridade nacional, uma das razões de estado que dificilmente serão abdicadas.

2.3 GEÓRGIA

Dentro do GUAM, a Geórgia é o país mais problemático no que tange às relações com o Kremlin. Em 2008, Rússia e Geórgia se enfrentaram em uma guerra aberta.

³⁴ Partido Comunista da República da Moldávia (PKRM). **Vladimir Voronin o novoy povestke v strategicheskoy partnerstve Moldovy i Rossii** [“Vladimir Voronin sobre a nova agenda no âmbito da parceria estratégica entre a Rússia e a Moldávia”]. 12/11/2010. <http://comunist.md/ru/?p=2775>

É interessante observar que o sítio do PKRM está disponível em russo e romeno, enquanto o do PL está disposto apenas em romeno.

A região que hoje constitui a ex-república soviética, situada no Cáucaso meridional, foi ao longo dos séculos dominada por persas, romanos, mongóis, otomanos e enfim, a partir do século XIX, russos. Constituída por uma grande diversidade étnica (mais de 26 grupos), a região sempre logrou certa autonomia por parte dos impérios invasores, o que facilitou o delineamento de uma identidade georgiana. Ademais, dentro da multiplicidade cultural e linguística, o cristianismo ortodoxo genuíno serviu como fator de coesão a esses grupos.³⁵ Ao celebrar o Tratado de Georgievsk (1783) com o Império Russo, a Geórgia se tornou uma espécie de Estado confederado: os russos seriam os responsáveis pela política externa e pela defesa do território, mas a Casa Real georgiana manteria o controle da região. Em 1801, a Rússia anexou parte do território, que ao longo da história se fragmentou por diversas vezes. Após 54 anos, o Império lograria completar a anexação das demais regiões que hoje compõem o país. A violação do Tratado de Georgievsk, com a anexação e as políticas de russificação, é apontada pelos nacionalistas como prova de que os tratados e garantias russas não são confiáveis.³⁶ O jugo russo serviu como um veículo de europeização, possibilitando que as transformações verificadas no Ocidente atingissem a região: iluminismo, liberalismo e consciência nacional difundiram-se pelo território – a capital Tbilisi ficou conhecida como a “Paris do Leste”.

Em 1918, com a queda do czarismo e a guerra civil na Rússia, a Geórgia declarou sua soberania. Entretanto, foi ocupada pelo Exército Vermelho e anexada em 1922 à recém-formada União Soviética, compondo a então República Socialista Federativa Soviética Transcaucasiana junto ao Azerbaijão e à Armênia. Em 1936, a Transcaucásia foi dissolvida e a Geórgia se tornou uma República Soviética. As regiões correspondentes a Abecásia e Ossétia do Sul foram reconhecidas como “República Socialista Soviética Autônoma” e “Distrito (*oblast*) Autônomo”, respectivamente, o que é apontado atualmente pelos georgianos como um dos principais motivos que levaram ao fortalecimento dos movimentos secessionistas – a maior ameaça à integridade do território nacional nos dias de hoje. Insurreições, protestos e revoltas ocorreram em oposição à “ocupação soviética”. Em 1924, deu-se o primeiro levante, sufocado por

³⁵ A Igreja Ortodoxa Georgiana foi perseguida durante os processos de russificação.

³⁶ PLATE, Katja Christina. **Conflitos após o desmoronamento da União Soviética**. Rio de Janeiro: Konrad Adenauer Stiftung, 2009.

Stalin, também georgiano. Por volta de 30 mil pessoas foram executadas entre 1921 e 1924, e mais de 50 mil nos expurgos que se seguiram no regime stalinista. Em 1956 teve lugar o “motim de Tbilisi”, quando a desestalinização de Khrushchev foi vista como uma ofensa, uma vez que Stalin, apesar dos expurgos, era tido por muitos como um herói nacional. Em 1978, ocorreram protestos contra o estabelecimento da língua russa como idioma oficial da República. No dia 9 de abril de 1989, uma manifestação nacionalista não violenta foi dispersa na capital, causando a morte de 19 pessoas e radicalizando os impulsos separatistas – o episódio ficou conhecido como “o massacre de Tbilisi”.

Em nove de abril de 1991, a Geórgia declarou sua independência. Eleições foram realizadas e o líder nacionalista Zviad Gamsakhurdia assumiu a presidência do país. Anti-Rússia e antissoviético, o extremista anteriormente reprimido decidiu confrontar diretamente a Rússia. Não aderiu à Comunidade dos Estados Independentes (CEI), demandou a retirada das tropas soviéticas e apoiou a Chechênia em suas aspirações separatistas. Pode-se dizer que Gamsakhurdia foi um dos líderes que mais se aproximou da tipologia de Taras Kuzio, “ocidentalismo radical”. Na política interna, muniu-se de poderes autoritários, o que provocou a insatisfação das demais elites políticas. Ainda em 1991, sofreu um golpe de Estado por insurgentes armados pelo exército russo. O ex-ministro de Relações Exteriores da URSS, Eduard Shevardnadze, foi então nomeado presidente em exercício do Conselho de Estado e, em 1995, elegeu-se presidente. Shevardnadze adotou uma política pró-Occidente pragmática, ou seja, aproximou-se do Oeste sem se isolar da administração Yeltsin.

Assim como os demais membros do GUAM, o maior entrave nas relações russo-georgianas envolve a questão dos enclaves separatistas – Abecásia, Ossétia do Sul e, em menor escala, Ajária. Essas regiões, de etnias minoritárias, há muito contavam com movimentos secessionistas – do mesmo modo que a Rússia é um “Império” para a Geórgia, o Estado georgiano é um “Império” para eles. Ambos os enclaves tiveram momentos de independência ao longo da história, o que reforçou o delineamento de uma identidade “nacional”. Quando os nacionalismos ganharam força no fim da URSS, essas regiões declararam a independência. O nacionalista Gamsakhurdia tentou reforçar o controle do Estado central sobre os separatistas, o que culminou em uma

guerra civil. Assim como a Rússia, a Geórgia é um Estado multiétnico – há georgianos étnicos e georgianos cidadãos. O presidente extremista ambicionava uma “Geórgia para os georgianos”, em outras palavras, uma “Geórgia para os georgianos étnicos”, o



Figura 3. Cáucaso: Geórgia e as regiões separatistas da Abecásia e Ossétia do Sul. *Wikimedia Commons*

que excluía as minorias.³⁷ Moscou se preocupou com o conflito, pelo exacerbado número de refugiados que atravessavam a fronteira, por haver russos na região e pelo fato da Ossétia do Sul ser contígua à

República Russa da Ossétia do Norte. Em 1992, já no governo Shevardnadze, chegou-se a um acordo trilateral para pôr termo à guerra: tropas de *peacekeeping* da Geórgia, Rússia e Ossétia do Sul atuavam em conjunto na estabilização da região. Na política russa a situação era muito complexa. Apesar do apoio de Yeltsin, importantes lideranças no Duma e no Kremlin se opunham a qualquer auxílio à Shevardnadze, inclusive, manifestando-se a favor dos separatistas, como o fez Yuri Luzhkov, prefeito de Moscou, e Alexander Rustkoi, vice-presidente. O líder georgiano era “malvisto” pelos nacionalistas russos por considerarem-no um dos principais responsáveis pelo colapso da URSS e do Pacto de Varsóvia, junto a Mikhail Gorbachev.

Instabilidade interna com a insurreição de grupos ligados ao ex-presidente Gamsakhurdia fizeram com que Shevardnadze recorresse novamente ao Kremlin em busca de auxílio. Tropas russas estabilizaram o país, mas em troca, a Geórgia teve que aderir à CEI, permitir a utilização dos portos do Mar Negro e o estabelecimento de três bases russas no país.³⁸

³⁷ The New York Times. **How the South Ossetians Became ‘Separatists’**. 22/09/2008 <http://topics.blogs.nytimes.com/2008/09/22/how-the-south-ossetians-became-separatists/>

³⁸ DONALDSON, Robert e NOGEE, Joseph. **The Foreign Policy of Russia**. New York: M.E Sharp, 2009

Posteriormente, diante da ineficácia russa em conter os separatistas e, ao mesmo tempo, temendo uma aproximação maior desses com o Kremlin, Shevardnadze buscou o apoio das Nações Unidas e dos Estados Unidos para substituir as tropas de *peacekeeping* russas por tropas multinacionais, o que deteriorou as relações bilaterais com a Rússia. A Geórgia voltou a se aproximar do ocidentalismo radical. Junto aos EUA, Azerbaijão e Turquia, iniciou um projeto de cooperação para a construção de gasodutos que atingissem a Europa sem passar pelo território russo; permitiu que uma missão chechena operasse em Tbilisi; enviou quadros militares para serem treinados na Turquia, antiga adversária da Rússia; e aderiu ao GUAM, expressando a ambição de participar da OTAN – em 2000, inclusive, exercícios conjuntos foram realizados em território georgiano. A Rússia respondeu com a imposição de visto para cidadãos georgianos e demais restrições comerciais; interrompeu o fornecimento de gás por três dias, em janeiro de 2001; e ameaçou a retirar todos os militares estacionados na Geórgia, que garantiam em parte a estabilidade do país.³⁹

Em novembro de 2003, Shevardnadze foi deposto por uma revolta popular denominada “Revolução Rosa”. O motivo dos protestos não esteve diretamente ligado à política externa, mas sim a questões como corrupção e problemas econômicos. O cargo de presidente ficou nas mãos de Mikheil Saakashvili. Logo no início de seu mandato, Mikheil deu os primeiros passos em direção à restauração do território georgiano: pressionou a Ajária a participar das eleições parlamentares e, diante da relutância das lideranças políticas locais, decretou um embargo econômico. O prefeito de Moscou, Yuri Luzhkov, mediou o embate entre Abashidze, “senhor-feudal” da região, e Saakashvili. Abashidze, enfim, renunciou. O Kremlin optou por perder um aliado na região a presenciar outro conflito em suas fronteiras.

Mikheil acreditou que poderia adotar a mesma política em relação à Abecásia e à Ossétia do Sul. Propôs a formação de uma federação e conclamou que os ossetas e abecásios se juntassem à revolução democrática. Entretanto, não logrou sucesso. A relutância dos dois enclaves deve-se principalmente ao resguardo que as tropas russas oferecem à sua independência. No final de 2004, a influência da Rússia nas eleições da

³⁹ Entre 500 mil e 700 mil georgianos vivem na Rússia e suas remessas constituem uma porção significativa da renda nacional da Geórgia.

Abecásia foi vista com repugnância em Tbilisi. Saakashvili acelerou sua aproximação ao Ocidente. Em março de 2005, o Parlamento georgiano exigiu a retirada das bases estrangeiras do país – o Kremlin declarou que até 2008 retiraria seus efetivos - ; e em julho de 2006, exigiu também a retirada das tropas de *peacekeeping* dos enclaves, o que não foi aceito. Saakashvili acusou a Rússia de “anexação” e “ocupação bandida” do território georgiano. Seis oficiais russos foram presos sob a acusação de espionagem. Moscou respondeu com a remoção do embaixador em Tbilisi e proibiu a concessão de vistos para cidadãos provenientes da Geórgia. Através do Conselho de Segurança das Nações Unidas, tentou adotar uma resolução condenando as “ações provocativas da Geórgia”.

No verão de 2007 ocorreu uma “minicrise”, quando um míssil russo teleguiado caiu em território georgiano. Os Estados Unidos condenaram o incidente e tentaram fazer com que o Conselho de Segurança da ONU também o fizesse. No entanto, a Rússia vetou a iniciativa, acusando a Geórgia de ter planejado o próprio ataque a fim de gerar instabilidade na região. Saakashvili então tentou uma resolução na Assembleia Geral. Instabilidade política, após uma série de protestos contra o seu governo, fê-lo voltar às pressas ao país. Acusou o governo russo de semear a discórdia em sua nação, mas nada foi comprovado. Em 2008, quando logrou a reeleição com 53,47% dos votos, o Kremlin questionou a transparência do processo eleitoral. Em março do mesmo ano, Saakashvili recebeu o apoio de George Bush em Washington, o que possivelmente lhe conferiu maior confiança no tratamento aos enclaves. No mesmo mês, os Parlamentos da Abecásia e da Ossétia do Sul pediram ao parlamento russo o reconhecimento das suas independências. Em um referendun realizado em janeiro, 77% dos participantes apoiaram o ingresso na OTAN.⁴⁰

As tensões entre Rússia e Geórgia se acirraram no mês de abril. Ambos os lados estavam se armando para um iminente conflito. Num discurso em televisão, Saakashvili acusou a Rússia de instigar o confronto dentre os georgianos.

"Esta força escandalosa e irresponsável está hoje novamente tentando nos envolver em um confronto, que seria rentável [para ela] e destrutivo para nós [...]. Nosso objetivo é não só reunir os nossos territórios, mas também restaurar e desenvolver as

⁴⁰ Periódico georgiano Civil.ge. **Do you want Georgia to become a member of NATO?** 06/01/2008
<http://www.civil.ge/eng/category.php?id=90&result=plebiscite>

relações que ligam nosso povo por muitos séculos, e que foram suspensas temporariamente devido à influência devastadora dessa força externa.”⁴¹

O Ministro de Relações Exteriores russo alertou Saakashvili que um ataque aos enclaves seria respondido militarmente; a Secretária de Defesa dos EUA, Condoleeza Rice, também o alertou que não tomasse nenhuma medida extrema. No entanto, no dia 7 de agosto forças georgianas atacaram a Ossétia do Sul com mísseis, artilharia e bombardeiros. Imediatamente Moscou respondeu invadindo o território georgiano, além dos enclaves. O conflito durou cinco dias. A Geórgia saiu derrotada e a Rússia reconheceu a independência tanto da Ossétia do Sul quanto da Abecásia. Posteriormente Venezuela, Nicarágua e Nauru também o fariam. Hoje há, inclusive, representações diplomáticas da Rússia nesses enclaves e, desses enclaves em Moscou. O erro crasso de Saakashvili subjugou a Geórgia à capacidade do Ocidente em conter a pressão do Kremlin. Ao mesmo tempo a atitude russa foi um aviso ao Ocidente e à OTAN quanto as suas intenções de “conquistar” a tradicional área de influência de Moscou.

Em agosto de 2009, a Geórgia oficialmente abandonou a Comunidade dos Estados Independentes. Segundo Saakashvili,

“Tomamos a decisão de deixar a CEI. Instamos Ucrânia e outros estados da CEI, a também deixarem a organização, dominada pela Rússia [...]. Na Rússia a democracia foi destruída.”⁴²

A oposição ao regime de Saakashvili é liderada pelo Movimento “Anti-Soros”. George Soros é um magnata húngaro-americano, que utiliza sua fortuna para promover mudanças democráticas em países “não-liberais”. Soros financiou dissidentes principalmente na Europa Oriental – Movimento *Solidarnost* na Polônia, Carta 77 na Tchecoslováquia e Andrey Sakharov na União Soviética. Desde o colapso do socialismo, vem buscando atuar nas áreas de influência da Federação Russa – sua ONG, Fundação Soros, “contribuiu” com a Revolução Rosa na Geórgia.⁴³ Os nacionalistas georgianos passaram então a se opor à intromissão de Soros na política

⁴¹ Civil.ge. **Saakashvili Calls on Abkhazians, Ossetians to Jointly Resist External Force.** 29/04/2008 <http://www.civil.ge/eng/article.php?id=17722>

⁴² Periódico ucraniano RBK. **M. Saakashvili: Gruziya vikhodit iz SNG** [“Mikheil Saakashvili: a Geórgia sairá da CEI]. 12/08/2008 <http://www.rbc.ua/rus/top/2008/08/12/412209.shtml>

⁴³ Em 2006 uma lei foi aprovada na Rússia impedindo ONGs de receber dinheiro de estrangeiros.

interna, manifestada supostamente em Saakashvili. Acusam-no de tentar ocidentalizar o país, destruindo suas tradições milenares. Defendem que a Geórgia deve reconstruir seus laços com a Rússia, em oposição à influência estadunidense. Saakashvili acusa o movimento de receber financiamento do Kremlin e apoio do serviço secreto russo. Em referência ao líder pró-Rússia do Partido Samartlianoba (“Justiça”), Igor Giorgadze, afirmou:

*"Essas pessoas vão receber o que merecem e seus patronos e patrocinadores vão ver isso. Tanto quanto eu sei, tentativas históricas [de planejar um golpe de estado] estavam em curso. O embargo do vinho [pela Rússia] não trouxe resultados, assim como as provocações militares. Esse tipo de coisa [tramar um golpe de Estado] está à sua disposição, mas essas tentativas não vão nos prejudicar se estivermos consolidados."*⁴⁴

Giorgadze e demais opositores do governo estão sendo julgados por diversas acusações de corrupção, apontada por alguns como perseguição política.

O líder do Partido Liberal-Democrata da Rússia (LDPR), Vladimir Zhirinovsky expressou, ainda que de maneira chauvinista, as principais preocupações do Kremlin quanto às mudanças políticas na Geórgia, em especial sob o governo Saakashvili.

"Historicamente, a Geórgia foi um fardo para o Império Russo e a União Soviética. Esta é uma zona de corrupção e conflitos; o colapso da URSS foi iniciado na Geórgia e seguiu com a Armênia, o Azerbaijão, a Ásia Central, até chegar a Moscou e demais regiões. A presença da Geórgia no estado russo foi um grande erro.

*[...] Moscou deveria ter uma posição mais forte com Saakashvili. Ele derrubou o presidente Shevardnadze, o que é contra a lei, derrubou o líder da república autônoma da Ajária, e vai demitir outros dirigentes eleitos na Abecásia e Ossétia do sul. Ele está ganhando, estamos perdendo. Moscou apóia esta política e acha que a Geórgia unida não apoiará os terroristas chechenos. Isso é uma ilusão, a Geórgia não vai mudar a sua política! A Geórgia vai aderir à OTAN em breve, e suas tropas serão implantadas lá para incentivar a instabilidade na região do Cáucaso do sul. Isto irá resultar em instabilidade não só na Chechênia, mas também em Karachaevo-Cherkesia, que será muito pior do que a questão chechena. Então o Azerbaijão irá aderir à OTAN e nos colocará no "fogo" por meio da República do Daguestão, que faz divisa com a Chechênia. Estaremos a perder ainda mais guerras secessionistas deflagradas no Cáucaso do Norte, e esta região vai ser separada da Rússia. Este é o tipo de "revolução de veludo" que vamos ter."*⁴⁵

A aproximação dos EUA e da União Europeia com a Geórgia, mais recentemente, pode ser constatada através do reconhecimento dos enclaves como “territórios ocupados” pelo Parlamento Europeu, e pelas solicitações do Partido

⁴⁴ Civil.ge. **Saakashvili comments on arrest of Giorgadze's allies.** 07/09/2006

http://www.civil.ge/eng/_print.php?id=13482

⁴⁵ Periódico russo Pravda. **Vladimir Zhirinovsky: Georgia brings trouble to Russia.** 10/05/2004.

<http://english.pravda.ru/world/ussr/10-05-2004/5516-caucasus-0/>

Republicano ao Congresso dos EUA em instalar mísseis de defesa no território georgiano.⁴⁶ O partido de Mikheil Saakashvili, Movimento Unido Nacional, em sua carta de princípios, indicou as intenções do país em integrar-se à União Europeia e ao Ocidente.

“A Revolução Rosa de Novembro de 2003 mais uma vez demonstrou que a democracia e a liberdade são parte da Geórgia e os valores tradicionais são de necessidade vital para o povo da Geórgia. A Geórgia, como parte integrante do espaço europeu, político, econômico e cultural, e cujos valores fundamentais nacionais são alicerçados em tradições e valores europeus, aspira a alcançar a integração de pleno direito nos sistemas políticos, econômicos e de segurança da Europa. Nós, como partido no poder, pretendemos voltar à tradição europeia e continuar a ser parte integrante da Europa.”⁴⁷

A orientação da política externa georgiana em relação à Rússia envolve as condicionantes mais complexas dentro do GUAM. O fato de o país apresentar dois enclaves sob a influência direta da Rússia, e sua história ser marcada por longas ocupações imperiais, faz com que a Geórgia seja impelida ao ocidentalismo, muitas vezes radical. Há constrangimentos que a direcionam num sentido pragmático, como a dependência econômica em relação à Rússia, mas há também aqueles que a impulsionam ao extremismo. As tropas russas de *peacekeeping* e os conflitos de 2008 são, sem sombra de dúvidas, fatores que a pressionam para essa última orientação. Não há uma divisão social tão polarizada entre ocidentalistas e russófilos, como há na Ucrânia e na Moldávia - a identificação da Rússia como um inimigo se consolidou na maioria dos partidos políticos. A aproximação ao Ocidente (e à Turquia) é uma última tentativa de se restabelecer a unidade territorial e impedir que forças vizinhas subjuguem a soberania nacional.⁴⁸ Ao mesmo tempo, as questões que envolvem a situação política da Geórgia são de grande interesse para o estado Russo, uma vez que instabilidades na região podem atravessar a fronteira e atingir as demais unidades federativas russas, muitas das quais contam com fortes movimentos separatistas e conflitos étnicos - como a Chechênia e o Daguestão. Pode-se dizer que o Cáucaso é o “calcanhar de Aquiles” da integridade territorial da Federação Russa.

⁴⁶ Org. “Stop Russia”. **Senadores clamam por instalação de mísseis de defesa da OTAN na Geórgia**. 05/02/2011 <http://www.stoprussia.org/2011/02/05/senators-call-for-nato-missile-defense-in-georgia/>

⁴⁷ Movimento Nacional Unido. “Princípios Fundamentais”. http://www.unm.ge/index.php?lang_id=ENG&sec_id=19

⁴⁸ Atualmente, a Turquia é o maior parceiro comercial da Geórgia, seguido do Azerbaijão. <https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/gg.html>

2.4 AZERBAIJÃO

Assim como a Geórgia, o Azerbaijão foi dominado por diversos impérios ao longo da história. Entretanto, diferentemente do vizinho cristão, a região logrou ser islamizada pelos árabes já no século VII.⁴⁹ Após o jugo bizantino, mongol, persa e otomano, o Azerbaijão foi conquistado pelo Império Russo, no início do século XIX – batalhas com os turcos e persas eram comuns no período, tendo em vista que a área constituía uma fronteira em disputa do “Grande Jogo”.⁵⁰ Mesmo sob o domínio russo, a região continuou sofrendo forte influência cultural dos vizinhos islâmicos. A descoberta de petróleo às margens do Mar Cáspio, na região de Baku, atual capital do país, levou grande contingente de armênios e russos étnicos a migrar para a região no final do século, o que de certa forma consubstanciou o processo de russificação. Já no período surgiram movimentos de contestação ao domínio Imperial e, em 1905, o território se viu diante de tensões sociais envolvendo as três etnias. Junto aos imigrantes, chegaram também ideias revolucionárias, em especial com os *bolcheviques*.

Com a Revolução Russa de 1917, lideranças comunistas declararam a adesão ao movimento revolucionário, principalmente os russos e os armênios. Ao mesmo tempo lideranças nacionalistas azeris muçulmanas declararam a independência do Azerbaijão, entrando em confronto com os primeiros. Otomanos e ingleses intervieram na região e, somente em 1920, o Exército Vermelho logrou controlar o território. Para Lenin, a adesão do Azerbaijão à União Soviética era imprescindível pela importância geopolítica de Baku no fornecimento de petróleo e gás. Após compor uma unidade federativa com a Armênia e a Geórgia – a Transcaucásia – a região foi elevada em 1936 à categoria de República Socialista Soviética. No período soviético o Azerbaijão passou por um considerável desenvolvimento, com a industrialização e a queda da taxa de analfabetismo.

Durante o jugo stalinista, lideranças nacionalistas foram perseguidas e o islã, assim como demais religiões da URSS, foi banido – igrejas e mesquitas foram

⁴⁹ A to Z of Azerbaijan – **History of Azerbaijan**. <http://www.azerb.com/az-hist.html>

⁵⁰ Série de disputas travadas na Ásia Central entre os Impérios Inglês e Russo, além de, esporadicamente, Persa e Otomano, durante o século XIX.

implodidas no período. Nos governos de Nikita Khrushchev e Leonid Brezhnev mais líderes nacionalistas foram expurgados, dentre os quais membros do Partido Comunista do Azerbaijão. Em 1969, foi nomeado líder do partido Heydar Aliyev, que só deixaria o cargo no governo de Mikhail Gorbachev. No final da década de 80, a oposição nacionalista – Frente Popular Azeri - ganhou força e passou a contestar o regime socialista, promovendo levantes como o “Janeiro Negro” e a destruição dos pontos de controle na fronteira com o Irã. Muitos cruzaram o limite em destino às regiões iranianas de maioria azeri, como as Províncias do Azerbaijão Oriental e Ocidental. Após a tentativa de golpe a Mikhail Gorbachev, em agosto de 1991, Aya Mutalibov declarou a independência do país. Seguiu-se um período de instabilidades e conflitos e Abulfaz Echibey, nacionalista do Frente Popular, foi eleito. Uma política anti-Rússia e pró-Turquia passou a ser promovida na região, até Echibey ser derrubado. Em 1993, Heydar Aliyev voltou ao cenário político, sendo eleito presidente, cargo que ocupou até sua morte em 2003.

Assim como os demais países do GUAM, o Azerbaijão possui um enclave territorial que constrange as relações com a Rússia. Dentro de seu território há a região de Nagorno-Karabakh, de



Figura 4. Cáucaso: Azerbaijão e o enclave de Nagorno-Karabakh.
Wikimedia Commons

maioria armênia e cristã. Ao longo do período soviético a área esteve subordinada à República Soviética do Azerbaijão, apesar de conservar certa autonomia política. Com a declaração de independência do país, em 1991, lideranças de Nagorno-Karabakh declararam a independência do enclave, o que deu início a uma guerra civil. Posteriormente, tropas da Armênia intervieram na região em apoio aos separatistas – o

conflito passou a ser interestatal, além de intraestatal.⁵¹ Atrocidades foram cometidas pelos dois lados, até que fosse assinado um cessar-fogo em dezembro de 1994. O Grupo Minsk (Bielorrússia, França, Alemanha, Hungria, Itália, Rússia, Suécia e Turquia) passou a mediar o conflito. Moscou reivindicou o direito de intervir na região através das tropas de *peacekeeping* da Comunidade dos Estados Independentes (CEI), o que foi rejeitado pelo Azerbaijão. Este, por sua vez, almejava tropas da Organização para a Segurança e Cooperação na Europa (OSCE) e da OTAN, com maior influência da Turquia, o que foi rejeitado pela Armênia e pela Rússia. Temendo uma invasão turca, a Armênia, antiga adversária da Turquia, aderiu à CEI. O Azerbaijão, desde então, passou a condenar a ajuda russa à Armênia. Moscou, em retaliação, chegou a interromper as relações comerciais por três anos. Uma tentativa de mediação do conflito pelos EUA, em 2001, irritou o Kremlin – o governo Bush, pela sua política voltada à “proteção” das áreas petrolíferas e ao combate ao terrorismo, conferiu maior atenção ao país, importante porta geopolítica de acesso ao Oriente Médio. O GUAM é em parte resultado do interesse por parte do Ocidente em se aproximar de áreas estratégicas para o fornecimento de recursos energéticos.

Após a morte de Heydar Aliyev, seu filho Ilham Aliyev assumiu o poder, conservando até os dias de hoje o cargo de presidente. Ilham promoveu uma política externa mais assertiva, sabendo “jogar” com as esferas de poder interessadas na região. Contrabalançando os ímpetos “expansionistas” da Rússia, soube aproximar-se da Turquia, do Irã e do Ocidente, sem cortar os laços com a primeira. Pode-se dizer que sua atuação oscila entre pró-Rússia, pró-Ocidente e pró-Turquia de maneira pragmática - alusões são feitas a um novo “Grande Jogo” entre potências, que englobaria o Azerbaijão e os demais países da Ásia Central. Diante do enfraquecimento do GUAM, com a reorientação das lideranças ucranianas num sentido pró-Rússia, Aliyev atuou dentro das condições que pudessem lhe favorecer, aproximando-se de Moscou. A simpatia da Europa pela oposição no Azerbaijão, frequentemente reprimida, é sem dúvida um fator que constrange as relações com o Ocidente. O próprio GUAM declara ser um grupo em busca da democracia ocidental, da qual o Azerbaijão ainda se encontra distante, se comparado aos demais membros. Nas eleições parlamentares de

⁵¹ DONALDSON, Robert e NOGEE, Joseph. **The Foreign Policy of Russia**. New York: M.E Sharp, 2009

2010, contestadas por observadores europeus, o partido governista “Yeni Azerbaijão” obteve 72 das 125 cadeiras do Congresso.⁵²

O governo Putin concordou em mediar o conflito com o enclave separatista de forma estritamente imparcial e, em troca, logrou maiores privilégios às companhias petrolíferas russa na região de Baku, junto a outras companhias ocidentais. Moscou evita confrontações diretas, por ter ciência da importância geopolítica do Azerbaijão, tanto como fonte e corredor de recursos energéticos, quanto pelo combate ao avanço do fundamentalismo islâmico nas fronteiras russas. O presidente Dmitri Medvedev manteve uma política de aproximação a Aliyev assinando acordos de cooperação bilateral, inclusive na esfera militar. A língua russa ainda hoje é bem difundida no país. Em 2008, a Universidade Estatal de Moscou abriu uma filial na região.

A questão do antirussismo na sociedade azeri envolve as crescentes discriminações dos nacionais desse país que emigraram para a Rússia em busca de melhores condições de vida. Tais discriminações frequentemente envolvem manifestações nacionalistas e fascistas de grupos *skinheads*, culminando em atos de violência. Além dos azeris, georgianos, caucasianos da própria Rússia e demais etnias das ex-repúblicas soviéticas da Ásia Central sofrem ataques xenófobos em cidades russas. O apoio do governo russo aos armênios na questão de Nagorno-Karabakh, no início da década de 90, é também muito questionado pelos azeris, principalmente os militares.

A Turquia tenta expandir sua influência na região através dos laços culturais como a língua e a religião islâmica e também da economia.⁵³ Numa tentativa de “livrar-se” da pressão do Kremlin, foi construído o oleoduto Baku (Azerbaijão) - Tbilisi (Geórgia) – Ceyhan (Turquia), inaugurado parcialmente em 2006. Através dele, o petróleo azeri pode ser escoado aos países do Ocidente sem precisar passar por território russo ou iraniano. Atualmente as relações econômicas entre Azerbaijão e Turquia vêm aumentando consideravelmente, em detrimento da queda nas relações com as ex-repúblicas soviéticas. Em 2009, a importação de produtos turcos atingiu

⁵² Rádio Europa Livre/ Rádio Liberdade. **Fraude Eleitoral no Azerbaijão**. 09/04/2010

http://www.rferl.org/content/European_Court_Finds_Azerbaijan_Guilty_Of_Election_Fraud_/2007281.html.

⁵³ O azeri pertence ao mesmo tronco linguístico que o turco.

18,69% do total de importações, seguida dos russos, que englobaram 16,98%.⁵⁴ Ao mencionar as relações com a Turquia, o presidente azeri afirmou:

"[...] essas relações são determinadas por ideias e palavras de duas pessoas de destaque: "A felicidade do Azerbaijão é a felicidade da Turquia, e a dor do Azerbaijão é o pesar da Turquia" - do grande líder Mustafa Kamal Atatürk, e "a Turquia e o Azerbaijão são uma nação, e dois Estados" - do líder nacional do Azerbaijão Heydar Aliyev, mencionadas em diferentes situações políticas. Elas são bastante diferentes do ponto de vista histórico, também. Contudo, tanto no passado como no presente, esses pensamentos e ideias sempre reforçarão a unidade eterna entre a Turquia e o Azerbaijão. Estas palavras determinam a direção das relações entre os dois estados e seus povos. Também é evidente a partir do nome do Congresso - Congresso dos Estados de Línguas e Comunidades Turcas [...]"

"[...] Hoje, o mundo turco tem um enorme potencial, e os estados de língua turca liderados pela Turquia, desenvolvem-se com sucesso, na esfera econômica, política, dentre outras."⁵⁵

No que tange à questão de Nagorno-Karabakh, Ilham Aliyev, fez as seguintes considerações:

"No início dos anos 80 e final dos anos 90, forças armadas armênias ocuparam o território do Azerbaijão. Temos certeza que a justiça será restaurada a partir do ponto de vista político, jurídico e histórico. Porque Nagorno-Karabakh nunca foi terra da Armênia, do ponto de vista histórico. Armênios não viviam naquelas terras - foram reassentados sob a decisão do Czar da Rússia. Isso aconteceu na primeira metade do século XIX. Mesmo olhando para a toponímia do lugar, não se encontra qualquer vestígio de armênios."

O direito das nações à autodeterminação é justo, mas neste caso a abordagem é errada. Porque, uma nação de armênios já se determinou. Há um estado armênio. Imagine. O que acontecerá se armênios usarem esse direito em todos os lugares em que vivem? Armênios vivem mesmo em países que pertencem ao Grupo Minsk - França, EUA, Rússia, bem como no Oriente Médio, Cáucaso, e outros lugares. O que vai acontecer se eles decidirem que querem a autodeterminação em todo lugar em que vivem? Isto é inadmissível e o Azerbaijão nunca vai concordar."⁵⁶

Enfim, a possível adesão do país à OTAN é vista por Aliyev como uma forma de resgatar o enclave perdido:

"Acredito que o desenvolvimento das forças armadas do Azerbaijão está acontecendo de forma intensiva; estamos reforçando a nossa cooperação com

⁵⁴ Sítio da Agência Central de Inteligência dos EUA (CIA) – Informações básicas sobre o Azerbaijão.
<https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/aj.html>

⁵⁵ Sítio da Presidência do Azerbaijão. **Discurso do presidente Ilham Aliyev no 10º Congresso da Amizade, Fraternidade e Cooperação dos Países de Língua Turca e Comunidades**, Antália (Turquia), 18/09/2006.
http://archive.president.az/articles.php?item_id=20070813052414953&sec_id=11

⁵⁶ Sítio da Presidência do Azerbaijão. **Discurso do presidente Ilham Aliyev no Instituto de Relações Internacionais do Japão**, 08/03/2006.
http://archive.president.az/articles.php?item_id=20070813053351073&sec_id=11

organizações internacionais, principalmente com a OTAN. Damos uma grande importância a essas relações. Estamos participando ativamente do Programa de Parceria para a Paz; nesse sentido, no ano passado, apresentamos o Plano Individual de Parceira para a Aliança. Vamos renovar as relações Azerbaijão-OTAN.”

[...] Hoje o exército do Azerbaijão é mais forte no sul do Cáucaso. Nós temos a iniciativa militar e devemos fortalecê-la. Esta iniciativa deve ser maior e vamos conseguir. O orçamento militar do próximo ano será expandido e todos os problemas serão resolvidos. Em uma palavra, para a solução do conflito, pondo fim à ocupação, esforços político-diplomáticos devem ser despendidos, mas o inimigo deve saber que o exército do Azerbaijão é capaz de liberar suas terras a qualquer momento e iremos conseguir através da mobilização de nosso poder se for necessário.”⁵⁷

Como o presidente prometeu, o país está se armando. Em 2010, o orçamento das forças armadas correspondia a 3,95% do PIB. Em 2011, a percentagem subiu para 6,2%.⁵⁸ Assim como a Geórgia, o Azerbaijão vem contando com o apoio militar dos EUA e da OTAN nas áreas de treinamento e aquisição de armamentos.

Diferentemente dos demais países membros do GUAM, o Azerbaijão encontra-se em uma situação política mais limitada em relação a conjunturas eleitorais. A família Aliyev (pai e filho) está no poder há mais de 15 anos. Esse rompimento entre política externa e demandas populares de curto prazo, apesar de seus custos à democracia, permite que o país busque posicionamentos que o beneficiem em longo prazo. Com uma política externa pragmática, voltada aos interesses nacionais imediatos – seja a defesa do território, seja a busca de outros corredores de escoamento de seus produtos – o país segue uma orientação indefinida, utilizando-se dos recursos energéticos (petróleo e gás) para atingir objetivos. Pode-se dizer que oscila entre a posição “ocidentalista pragmático” e “pró-Rússia pragmático”. O país depende do Ocidente, da Rússia, da Turquia e do Irã e, portanto, ao invés de confrontar seus parceiros diretamente, acerca-se aos demais quando pressionado por algum. O enclave de Nagorno-Karabakh, sem dúvidas, constrange as relações com Moscou, tradicional aliado dos armênios; entretanto, a importância estratégica da região no cenário geopolítico levou o Kremlin a adotar uma posição menos agressiva frente ao país, por ora fazendo importantes concessões. Dentro do GUAM, o Azerbaijão é um

⁵⁷ Sítio da Presidência do Azerbaijão. Discurso do presidente Ilham Aliyev na Escola Superior Militar “Heydar Aliyev”, Baku (Azerbaijão), 27/06/2005.

http://archive.president.az/articles.php?item_id=20070813060309953&sec_id=11

⁵⁸ Periódico russo Nezavisimaya Gazeta. *Postsovietskiy voennyi neoglobalizm* [“Neoglobalismo militar no espaço pós-soviético”]. 22/02/2011

neutralizador dos radicalismos anti-Rússia e, ao mesmo tempo, um dos países chaves na neutralização da pressão do Kremlin, tendo em vista que seus recursos energéticos podem amenizar a dependência da Geórgia, Ucrânia e Moldávia aos recursos russos.

3. OS FUNDAMENTOS DO GUAM

Como foi apresentado nos tópicos anteriores, os anos que se seguiram ao desmantelamento da União Soviética foram de grandes mudanças políticas na Eurásia. Países que compunham um só viram-se da noite para o dia diante de novas instituições, novos exércitos e novas fronteiras. O que era política doméstica virou política externa, sendo as relações com a Rússia o elemento chave da *high politics*. Nacionalismos fortaleceram-se em algumas regiões, visando à consolidação de uma identidade que os diferenciasse – elementos da cultura russa, principalmente a língua, passaram a ser perseguidos por lideranças locais, numa tentativa de se apagar as heranças do passado soviético e dispersar a atenção popular quanto às mudanças econômicas na passagem do socialismo para o capitalismo. Ademais, os enclaves e separatismos étnicos que ameaçam a integridade territorial da Geórgia, Ucrânia, Azerbaijão e Moldávia, muitas vezes apoiados por nostálgicos nacionalistas russos, limitaram as possibilidades de aproximação com a Rússia e, ao mesmo tempo, apesar de pressionados em sentido contrário, limitaram as possibilidades de afastamento. Moscou sabe usar as relações que mantém com esses enclaves, junto à dependência comercial e energética, para barganhar concessões por parte desses países.

Buscando uma maior inserção na arena internacional, tais nações se voltaram ao Ocidente, acreditando que a integração com a União Europeia e a OTAN pudesse aliviar a pressão russa, conferir maior poder de negociação e segurança.⁵⁹ Em outubro de 1997, na Conferência do Conselho Europeu, estabeleceram as primeiras consultas visando uma aproximação com a UE. Em abril de 1999 realizaram um novo encontro, em Washington e, em junho de 2001, formaram a união com a assinatura da Carta de Yalta – no período recebeu o nome “GUUAM”, uma vez que o Uzbequistão também

⁵⁹ É interessante observar que os enclaves secessionistas se aproximaram da Rússia visando também contrabalancear a pressão de seus respectivos países, de maneira que lograssem a independência *de facto*.

participava. Após os atentados de 11 de setembro, o interesse do governo estadunidense pelo espaço pós-soviético aumentou: a região é rica em recursos energéticos, é uma porta de acesso ao Oriente Médio e ao Afeganistão, é instável politicamente – conflitos étnicos podem ocorrer e desestabilizar outros países - e corre o risco de sucumbir aos avanços do fundamentalismo islâmico. A partir de então, muitas dessas ex-repúblicas soviéticas passaram a utilizar a aproximação dos EUA para barganhar com o Kremlin, em uma verdadeira “diplomacia pendular”. O Uzbequistão, por exemplo, teve em seu território bases russas e norte-americanas simultaneamente. Posteriormente se retirou do GUUAM (2005) e voltou a se aproximar da Rússia. Com as Revoluções Coloridas na Geórgia e na Ucrânia, governos pró-Occidente radicais ascenderam e reforçaram a cooperação com a OTAN, UE e Estados Unidos. Em maio de 2006, na Conferência de Kiev, consolidaram a união com a assinatura do estatuto, recebendo o nome “GUAM – Organização para a Democracia e o Desenvolvimento Econômico”. O estatuto destacou como prioridades:

*“[...] o fortalecimento da democracia; a manutenção do estado de direito, dos direitos humanos e das liberdades; a estabilidade e a segurança na região; a luta contra o terrorismo internacional, contra o separatismo agressivo, contra o extremismo; e o aprofundamento da integração europeia, o desenvolvimento sustentável e o bem-estar dos povos.”*⁶⁰

Em agosto de 2010, as sondagens de líderes do GUAM ao presidente bielorrusso, Alexander Lukashenko, puseram em dúvida as intenções democráticas proselitistas da organização e ressaltaram seu caráter de oposição à Rússia. A União Europeia considera Lukashenko um ditador, por vezes impondo restrições econômicas ao país. Há pouco Lukashenko vem enfrentando frequentes desentendimentos com Vladimir Putin, o que atraiu a atenção de países do bloco euroasiático.⁶¹ Ademais, a situação política do Azerbaijão também não é satisfatória aos padrões ocidentais de democracia.

⁶⁰ Sítio do GUAM - **Istoriya GUAM – Organizatziya za Demokratiyu i Ekonomicheskoe Razvitie** [“**História do GUAM – Organização pela Democracia e Desenvolvimento Econômico**”] <http://guam-organization.org/node/240>

⁶¹ Periódico russo Kommersant – **Mikhail Saakashvili sozdaet antirossiskiy blok** [“**Mikhail Saakashvili cria bloco anti-Rússia**”]. 17/08/2010 <http://www.kommersant.ru/doc.aspx?fromsearch=ee40ad28-e2b5-4313-8252-5839bad8a1a4&docid=1488682>

A Rússia vê o GUAM como uma ameaça a seus interesses e a sua segurança, promovida pelos Estados Unidos e pela União Europeia. Tal ameaça se daria por uma expansão da OTAN na Europa Oriental, tradicional área de influência russa, e pelas tentativas de instalar escudos antimísseis na Polônia e na República Checa. Sabe-se que a Organização do Tratado do Atlântico-Norte foi criada para contrabalançar o poder soviético na Europa. Uma vez que a URSS não existe mais, a Rússia entende que não seria mais necessária a existência desta organização. Mikhail Gorbachev é até hoje muito criticado no país por não ter barganhado maiores concessões do Ocidente diante da dissolução do Pacto de Varsóvia e da reunificação da Alemanha. Em 2007, num discurso em Munique, Vladimir Putin expôs a política antidemocrática e anti-Rússia promovida pela OTAN e países do Ocidente.

"[...] frequentemente querem ensinar a Rússia sobre democracia. Mas, por alguma razão, aqueles que nos ensinam não querem aprender.

Eu considero que o modelo unipolar não só é inaceitável, mas também impossível no mundo de hoje [...]

[...] Acontece que a OTAN tem posto suas forças de vanguarda nas nossas fronteiras, e nós continuamos a cumprir estritamente as obrigações decorrentes de tratados e não reagimos a essas atitudes.

Penso que é óbvio que a expansão da OTAN não tem qualquer relação com a modernização da Aliança em si ou com a garantia de segurança na Europa. Pelo contrário, ela representa uma séria provocação que reduz o nível de confiança mútua. E temos o direito de perguntar: contra quem é essa expansão? E o que aconteceu com as garantias que nossos parceiros ocidentais fizeram depois da dissolução do Pacto de Varsóvia? Onde estão aquelas declarações hoje? Ninguém sequer se lembra delas. Mas vou me permitir recordar nesta audiência o que foi dito. Gostaria de citar o discurso do secretário-geral da OTAN, Sr Woerner, em Bruxelas no dia 17 de Maio de 1990. Ele disse na época que: "o fato de estarmos prontos a não colocar as forças da OTAN fora do território alemão, dá à União Soviética uma garantia de segurança". Onde estão essas garantias?

As pedras e os blocos de concreto do Muro de Berlim têm sido distribuídos como suvenires. Mas não devemos esquecer que a queda do Muro foi possível graças a uma escolha histórica - que também foi feita pelo nosso povo, o povo da Rússia -, uma escolha em favor da democracia, liberdade, abertura e uma parceria sincera com todos os membros da grande família europeia. [...]

[...] Sabemos que os Estados Unidos estão desenvolvendo ativamente e já fortalecendo um sistema de defesa antimísil. E é claro que devemos reagir a isso. [...] Para que todos possam compreender, o sistema de defesa antimísil é inútil contra a

*Rússia, porque temos determinadas armas que o superam facilmente. E estamos a avançar nessa direção. É mais barato para nós.”*⁶²

A ascensão dos democratas nas últimas eleições parlamentares dos EUA levou a uma *detente* nas relações com a Rússia. Ao contrário do conservador republicano George Bush, Barack Obama defende um posicionamento menos intervencionista nas áreas de influência russa. Não insistiu na instalação de escudos antimísseis no leste europeu e assinou o novo Tratado de Redução de Armas Estratégicas (START III), em 2010. Entretanto, há fortes *lobbies* e representações anti-Rússia no Congresso dos Estados Unidos. Um retorno dos conservadores republicanos nas próximas eleições poderá implicar em uma nova “contenção” nas relações com o Kremlin. A conjuntura também é positiva atualmente por parte da Rússia – o presidente em vigor, Dmitri Medvedev, é mais inclinado à aproximação com o Ocidente, se comparado ao seu antecessor Putin, que poderá retornar ao posto nas próximas eleições.

A União Europeia persiste em atrair os países do GUAM através de metas e programas de estreitamento econômico e institucional, que possibilitarão sua futura adesão ao bloco. Entre esses projetos se encontram a “Política Europeia de Vizinhança (PEV)” e a “Parceria Oriental”. Geórgia, Ucrânia e Moldávia já manifestaram interesse na integração plena. Outros países, no geral emergentes, vêm buscando uma maior inserção internacional à custa da hegemonia russa na região. A Romênia, como foi citado, aproximou-se da Moldávia e, inclusive, pleiteia uma unificação com o país; a Turquia, por sua vez, ganha cada vez mais influência na Geórgia e no Azerbaijão, participando como observador do GUAM. Os países da União Europeia que anteriormente estiveram sob o domínio da “cortina de ferro” podem auxiliar membros do GUAM a aderirem ao bloco europeu, uma vez que exercem pressão interna nos processos decisórios da União. Caso tenham sucesso na empreitada, o “cordão sanitário” que separa Rússia e UE se deslocará para o leste, aliviando a atual pressão que incide sobre eles. O equilíbrio de poder da Guerra Fria foi rompido e ainda não se atingiu um novo. O poder russo, apesar de estar se restabelecendo, apresenta

⁶² Sítio oficial do Kremlin. **Discurso de Vladimir Putin na Conferência de Segurança**. Munique, 10/02/2007. http://archive.kremlin.ru/eng/speeches/2007/02/10/0138_type82912type82914type82917type84779_118123.shtml

dificuldades e limitações estruturais em reassumir a antiga liderança soviética no sistema internacional.

A Rússia tem uma frequente preocupação com o espaço pós-soviético, mais especificamente com o “Exterior Próximo” (*Blizhnee Zarubezhe*), como é denominado o conjunto de países que pertenceram à URSS, pelos seguintes motivos: ⁶³ (1) Em muitas regiões há russos que podem precisar de proteção – 30 milhões vivem nessas repúblicas; (2) conflitos podem se espalhar pela Federação Russa; (3) o sucesso de separatismos nesses outros países pode encorajar separatismos na própria Rússia; (4) o fundamentalismo islâmico pode se espalhar pelos vizinhos do sul e então para a Rússia – parte considerável da população de países da Ásia Central, do Cáucaso e de Repúblicas Russas é muçulmana; (5) Algumas áreas são de grande valor estratégico, seja por possuírem importantes recursos energéticos, seja por serem corredores de escoamento desses recursos; (6) há a crença de que o seu *status* de “grande potência” a obriga a assumir responsabilidades na manutenção da paz regional; (7) aspirações hegemônicas, com o desejo de reassumir o controle do espaço uma vez dominado pela União Soviética e pelo Império Russo, norteiam algumas lideranças – para muitos nacionalistas essas regiões não são o exterior, mas sim uma extensão da “Grande Rússia”.

O avanço dos Estados Unidos nesses locais, dentro do contexto da diplomacia pendular, pode fortalecer o avanço do movimento fundamentalista islâmico. Reformas democráticas liberais também podem facilitar que lideranças extremistas nacionalistas ou religiosas alcancem o poder. Temendo instabilidades políticas, o Kremlin apóia regimes conservadores que atendam minimamente aos interesses russos e evita confrontos diretos com países muçulmanos – relações com o Irã e o Oriente Médio são tratadas com atenção especial. O conflito de influências entre Ocidente e Rússia remonta ao período da Guerra Fria. Grupos internos desses países em disputa recebem recursos dos “litigantes” – sejam financiamentos de campanha eleitoral ou, até mesmo, auxílio militar.

A adesão de países do GUAM à União Europeia e à OTAN culminará com mais perdas na área de influência russa. Preferências comerciais, econômicas e de

⁶³ DONALDSON, Robert e NOGEE, Joseph. **The Foreign Policy of Russia**. New York: M.E Sharp, 2009. p.180

segurança militar estão em jogo nesse debate. Ademais, o futuro da Comunidade dos Estados Independentes estará parcialmente condenado. Sentimentos anti-Rússia na Europa Oriental frequentemente trazem problemas a Moscou. Por vezes, Polônia, Romênia e Países Bálticos vetam maiores estreitamentos político-econômicos entre Rússia e União Europeia. Alguns desses países, inclusive, participaram de conferências do bloco euroasiático. O fator identidade exerce bastante influência nesses sentimentos. A forma como a Rússia se portou ao longo da história, durante o Império Russo e a URSS – com diversas invasões à Polônia, por exemplo - e, mais que isso, a forma como a história é vista e interpretada pelas elites nacionalistas desses locais, exerce impacto direto na percepção da Rússia como uma constante ameaça. A retórica anti-Rússia do GUAM só não se exacerbou em decorrência do posicionamento moderado do Azerbaijão.

O sucesso do grupo está condicionado a diversos fatores. Como Walter Mattli afirma, para um projeto de integração regional se desenvolver deve haver elementos como:⁶⁴

- Demanda por integração - geralmente *market players* que acreditam na possibilidade de obter ganhos reais com o arranjo a ser estabelecido;
- Oferta por integração – a existência de um *paymaster*, capaz de arcar com os principais custos do processo, e a incontestabilidade de sua liderança.

Nesse sentido, há demandas por integração, não tanto na esfera econômica, mas bastante na área de política e defesa. A união dos países, cujos conflitos territoriais e separatistas são apoiados pela Rússia, possibilita maior coordenação e poder de barganha nos embates internacionais. Além do que, vetos econômicos e cortes energéticos como armas de negociação do Kremlin podem ser aliviados pelas relações intra-GUAM. No que tange à oferta, apesar da liderança da Ucrânia ser incontestada, é incerta sua capacidade em exercer tal papel. A pluralidade de demandas internas, manifestadas na sociedade civil e nos partidos políticos, em definir uma orientação nacional pró-Rússia ou pró-Occidente (anti-Rússia), coloca o GUAM sob a dependência das conjunturas eleitorais. Nas últimas eleições ucranianas, o presidente

⁶⁴ MATTLI, Walter. **The Logic of Regional Integration: Europe and Beyond**. United Kingdom: Cambridge University Press, 1999.

Viktor Yanukovych, aliado de Moscou, saiu vitorioso e afirmou que o aprofundamento da integração será estritamente econômico, ao invés de político e militar. Logo, pode-se esperar um enfraquecimento do grupo, uma vez que seu *paymaster* não está mais tão disposto em fortalecer o bloco no que concerne a suas demandas principais.

Quanto às possibilidades de adesão do GUAM à União Europeia, as perspectivas também não são muito satisfatórias. Apesar de haver um grande esforço em direção à integração, o sucesso depende da disponibilidade de ganhos aos *market players* europeus (“interesse”) e da disposição das principais lideranças (*paymasters*) em custear mais países da periferia e “comprar uma briga” com a Rússia, principal fornecedora de gás à região. A recente crise do euro pôs em xeque a presença de países pouco desenvolvidos na União. No momento é difícil fazer previsões positivas diante dessas circunstâncias. Vale destacar que o suporte aos movimentos secessionistas dentro do GUAM é também usado como arma pela Rússia contra o Ocidente, que sustentou o desmembramento da Iugoslávia e da Sérvia.

Sintetizando, todos os países membros do bloco sofrem mudanças significativas na política externa, de acordo com as conjunturas histórico-sociais e eleitorais. A tipologia estática que Taras Kuzio delineou é mais flexível e instável do que parece a primeira vista. Um mesmo país pode alternar entre políticas pró-Rússia e pró-Ocidente, radicais ou pragmáticas, em um curto período, seja num mesmo mandato, seja numa alternância partidária característica de regimes democráticos liberais. É certo que constrangimentos estruturais, como os separatismos e enclaves territoriais suportados por Moscou, restringem essa mobilidade e pressionam num sentido anti-Rússia; contudo, é também certo que fatores pressionam no sentido pró-Rússia, como o comércio, a dependência energética, dentre outros. Há um equilíbrio não rígido entre essas duas forças. Esse fenômeno é característico de regiões de fronteira, “Estados-tampões”, onde identidades se formulam e reformulam constantemente – fronteira entre Leste e Oeste, entre Europa e Ásia, entre capitalista e ex-socialista. A própria Rússia se encontra nesse limite fronteiriço, sendo comum o debate entre acadêmicos sobre qual seria sua classificação: um país europeu, euroasiático ou asiático?

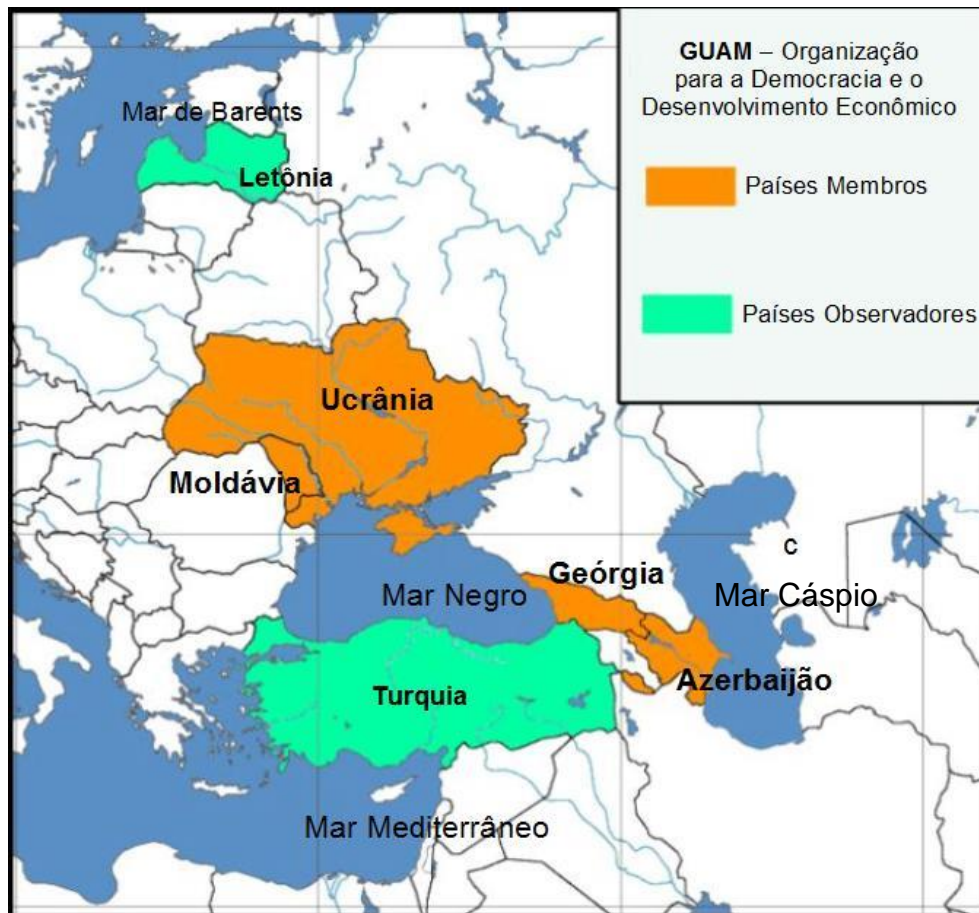


Figura 5. GUAM: Países Membros e Observadores. *Wikimedia Commons*

4. BIBLIOGRAFIA

DONALDSON, Robert e NOGEE, Joseph. **The Foreign Policy of Russia**. New York: M.E Sharpe, 2009.

HEINTZ, Mônica. **Republic of Moldova versus Romania: The Cold War of National Identities**. *Journal of Political Science and International Relations*, 2005.

HUNTINGTON, Samuel P. **O Choque de Civilizações**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

KUZIO, Taras. **Geopolitical Pluralism in the CIS: The Emergence of GUAM**. London: EBSCO Publishing, 2002.

LAFER, Celso e Fonseca, Gelson Jr. **Questões para a diplomacia no contexto internacional das polaridades indefinidas.** (1997). In: Gelson Fonseca Júnior e Sérgio Henrique Nabuco de Castro (Orgs.) *Temas de Política Externa Brasileira II*. Vol. 1. São Paulo: Paz e Terra.

MACKENZIE, David e CURRAN, Michael. **A History of Russia and the Soviet Union.** Belmont: Wadsworth, 1987.

MARTIN, André. **Fronteiras e Nações.** São Paulo: Contexto, 1992.

MATTLI, Walter. **The Logic of Regional Integration: Europe and Beyond.** United Kingdom: Cambridge University Press, 1999.

MIELNICZUK, Fabiano. **Ucrânia e Belarus: tão longe do Ocidente e tão perto da Rússia.** Rio de Janeiro: Konrad Adenauer Stiftung, 2009.

MORGENTHAU, Hans. **Politics Among Nations: The Struggle for Power and Peace,** Fifth Edition, Revised. New York: Alfred A. Knopf, 1978

NYE JR, Joseph. **Understanding International Conflicts: An Introduction to Theory and History,** 7th edition (Longman, 2008)

PIRANI, STERN e YAFIMAVA. **The Russo-Ukrainian gas dispute of January 2009: a comprehensive assessment.** Oxford Institute for Energy Studies: fev/2009

PLATE, Katja Christina. **Conflitos após o desmoronamento da União Soviética.** Rio de Janeiro: Konrad Adenauer Stiftung, 2009.

SADRI, Houman. **Elements of Azerbaijani Foreign Policy.** Journal of Third World Studies, 2003.

SEGRILLO, Angelo de Oliveira. **O Declínio da URSS: um estudo das causas**. Rio de Janeiro: editora Record, 2000.

_____. **O Fim da URSS e a Nova Rússia: de Gorbachev ao pós-Yeltsin**. Petrópolis: editora Vozes, 2000.

TSYGANKOV, Andrei. **Russian Theory of International Relations**, in *International Studies Encyclopedia*, edited by Robert A. Denemark. Vol. X, 2010.

_____. **The Russian-American Partnership? The 'Russia Threat' and the U.S. Critics of the 'Reset'**, (in Russian), in *Vestnik Moskovskogo Universiteta: Politologiya*, No. 6, November-December 2010.

_____. **National Ideology and IR Theory: Three Reincarnations of the 'Russian Idea'**, (with Pavel A. Tsygankov), *European Journal of International Relations*, Vol. 16, No. 4, December 2010.

_____. **From Belgrade to Kiev: Hard-Line Nationalism and Russia's Foreign Policy**, in: *Nationalism in Contemporary Russia*, edited by Marlene Laruelle (Routledge, 2009).

_____. **Obstacles to U.S.-Russian Cooperation in the Caucasus and Ukraine**, in: *Prospects for U.S.-Russian Security Cooperation*, edited by Stephen Blank. Carlisle, PA: US Army War College, 2009.

STOESSINGER, John George. **O poder das nações e a política internacional de nosso tempo**. São Paulo: Cultrix, 1978.

TYMOSHENKO, Yulia. **Containing Russia**. Foreign Affairs: May/June, 2007

ZHEBIT, Alexander. **A política externa russa pós-Guerra Fria: um intróito à mudança**. Rio de Janeiro: Konrad Adenauer Stiftung, 2009.